

II Encontro Internacional do Grupo de Trabalho
Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea
Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP)

Modalidades de Pesquisa em Psicanálise: métodos e objetivos

21, 22 e 23 de Junho de 2017

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Auditório Carolina Bori

ANAIS DO EVENTO

Editores

Leopoldo Fulgencio (GT, IPUSP)
Daniel Kupermann (Cát. Francesa, IPUSP)

Apoio



Programa de Pós-Graduação de Psicologia da
Aprendizagem e Desenvolvimento (PSA)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PSC)

II Encontro Internacional do Grupo de Trabalho
Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea
Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP)

Modalidades de Pesquisa em Psicanálise: métodos e objetivos

21, 22 e 23 de Junho de 2017

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo Auditório Carolina Bori

ANAIS DO EVENTO

Editores

Leopoldo Fulgencio (GT, IPUSP)
Daniel Kupermann (Cát. Francesa, IPUSP)

Apoio



Programa de Pós-Graduação de Psicologia da
Aprendizagem e Desenvolvimento (PSA)
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PSC)

2017

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Título: Anais do evento: modalidades de pesquisa em Psicanálise: métodos e objetivos

Encontro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea (2.:2017: São Paulo)

Anais do II Encontro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea. Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos, realizado no período de 21 a 23 de junho de 2017, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, Brasil / editado por Leopoldo Fulgencio e Daniel Kupermann. - São Paulo: ANPEPP, 2017.

CD

ISBN: **978-85-86736-75-9**

1. Narcisismo 2. Sexualidade 3. Psicanálise 4. Subjetividade
5. Cultura 6. Identidade I. Título.

BF575.N35

- Os títulos dos trabalhos apresentados, bem como os resumos e mini-currículos, aqui publicados, foram enviados pelos seus autores, e são de sua inteira responsabilidade, tanto no que se refere à sua forma (sintaxe e semântica) quanto no que se refere a seu conteúdo.

Sumário

Proposta do II Encontro	5
Comissão organizadora.....	6
O Grupo de Trabalho <i>Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea</i>	7
PÔSTERES: programa e resumos.....	9
COMUNICAÇÕES: programa e resumos	18
CONFERÊNCIAS: programa e resumos	70

Proposta do II Encontro

O Grupo de Trabalho *Psicanálise, Subjetividade e Cultura* da ANPEPP, na sua última reunião em Bento Gonçalves, decidiu organizar encontros científicos, contando com seus membros e convidados (que trabalhem temas afins), para abordar e apresentar as suas pesquisas em desenvolvimento. O tema escolhido para este primeiro encontro, em função dos interesses e pesquisas em desenvolvimento por seus membros, foi *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos*. Esperamos que este evento ocorra a cada dois anos, com a organização geral de responsabilidade do coordenador do GT. No evento, temos a possibilidade de apresentação de pôsteres e comunicações (selecionadas pelo comitê científico), recebendo, assim, outros pesquisadores de diversos níveis de formação e maturidade. O tema escolhido corresponde não só a um dos fundamentos psicanalíticos para compreensão da subjetividade como também tem sido retomado e é material de pesquisa atual dos psicanalistas, inclusive os pesquisadores do GT.

Eventos deste tipo não só agregam pesquisas temáticas, numa determinada direção de análise, como também tornam possível a divulgação e o aprimoramento das pesquisas em andamento, seja na própria situação presencial do evento que propicia diálogo e reflexão crítica, seja na publicação das conferências apresentadas em forma de anais ou livros (proposta que está inserida no projeto geral que visa estabelecer uma tradição de Encontros do GT, a serem realizados a cada dois anos, intercalando coma reunião bianual da ANPEPP).

Além dos objetivos já citados, em termos da divulgação, diálogo e consolidação de uma determinada direção de análises sobre a "Psicanálise, a Subjetividade e a Cultura Contemporâneas", temos a convicção de que a apresentação das pesquisas de alto nível, neste campo, pode fornecer um material crítico de diálogo, extremamente importante e necessário para o desenvolvimento de pesquisas nesta área.

Este evento conta com o apoio do IPUSP, via seus Programas de Pós-Graduação de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento (PSA) e de Psicologia Clínica (PSC), pela Université Paris Diderot e pela FAPESP.

Comissão organizadora

Coordenadores

Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio (Coordenador do GT, PSA-IPUSP)

Prof. Dr. Daniel Kupermann (Cátedra Francesa PSC-IPUSP)

Comissão Científica

Prof. Dr. Daniel Kupermann (IPUSP)

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha (UFS)

Prof. Dr. Joel Birman (UFRJ, UERJ)

Prof. Dr. Leopoldo Fulgencio (IPUSP)

Profa. Dra. Maria Isabel Fortes (PUCRJ)

Profa. Dra. Mônica Kother Macedo (PUC/RS)

Prof. Dr. Paulo C. C. Ribeiro (UFMG)

Coordenador Adjunto

Marcos Roberto Fontoni (IPUSP)

Comissão Executiva

Isis Grazielle da Silva (IPUSP)

Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira (IPUSP)

Rita Dambros Hentz (IPUSP)

Comissão de Apoio

Aline de Lima Piña (IPUSP)

Ana Paula Vedovato Marques de Oliveira (IPUSP)

Bartholomeu de Aguiar Vieira (IPUSP)

Fernanda Fernandes da Silva (IPUSP)

Lucas Charafeddine Bulamah (IPUSP)

Marília Velano (IPUSP)

Patrícia Mafra de Amorim (IPUSP)

Renne dos Santos Nunes (IPUSP)

Thiago Gomes Marques (IPUSP)

O Grupo de Trabalho *Psicanálise, Subjetividade e Cultura Contemporânea*

Histórico

Este grupo reúne uma série de pesquisadores que têm como eixo comum de investigação as relações entre psicanálise e cultura e que nos últimos anos vêm buscando a construção de um diálogo permanente em torno de uma leitura psicanalítica da cultura contemporânea e de temas críticos como a violência e transformações nos modos de organização social, com ênfase especial numa leitura das chamadas novas formas de sofrimento psíquico, a partir das categorias freudianas de *Mal-estar* e *Desamparo*.

Nesse percurso, procuramos discutir os vínculos entre a teoria e a clínica psicanalítica e suas condições sócio-históricas, seja no que se refere aos vínculos de Freud com o pensamento moderno, seja através de uma reflexão sobre o impacto sobre a psicanálise das transformações no campo da cultura e da sociedade. Para isso, a partir de diferentes eixos de pesquisa, temos recorrido à interlocução da psicanálise com outras disciplinas, como a filosofia, e diferentes campos de atuação, como a saúde coletiva e a psicologia social.

Tomando como base os pesquisadores que formam as equipes do Projeto PROCAD “A dimensão ética do pensamento psicanalítico e seu impacto no estudo de fenômenos socioculturais”, que reúne programas de pós-graduação em psicologia das universidades federais de Sergipe, Rio de Janeiro e Pará, o GT foi formado e teve seu primeiro encontro no XIV Simpósio, realizado em 2012, em Belo Horizonte.

Em 2014, por ocasião do XV Simpósio da ANPEPP, em Bento Gonçalves, Birman, J., Cunha, E. L., Kupermann, D., & Fulgencio, L. organizaram e publicaram o livro *A Fabricação do Humano. Psicanálise, Subjetividade e Cultura*. (São Paulo: Zagodoni), reunindo uma série de artigos dos componentes desse grupo.

Objetivo geral do grupo

A partir do reconhecimento do vínculo necessário entre a teoria e clínica psicanalíticas e os contextos sócio históricos nos quais se inserem, pretende-se Investigar os efeitos das transformações no campo da cultura sobre os processos de subjetivação e as formas de sofrimento psíquico, bem como sobre a própria teoria e clínica psicanalíticas, com ênfase na realidade brasileira.

Fundação, liderança e coordenação

Joel Birman (Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade do Estado do Rio de Janeiro), líder fundador do grupo.

Eduardo Leal Cunha (Universidade Federal de Sergipe), coordenador de 2010 a 2014

Leopoldo Fulgencio (USP), coordenador desde 2015

Composição atual do GT

Coordenação: Leopoldo Fulgencio (IP-USP/PSA)

Vice-Coordenação: Joel Birman (UFRJ)

Membros

Pesquisadores:

Camila Farias (UFMS)

Christian Hoffmann (Paris 7)

Daniel Kupermann (IPUSP)

Daniel Menezes Coelho (UFS)

Eduardo Leal Cunha (UFS)

Fabio Roberto Rodrigues Belo (UFMG)

Fátima Caropreso (UFJF)

Fernanda Canavêz (pós-doutoranda UFRJ)

Fernando Hartmann (UFRS)

Gustavo Henrique Dionísio (UNESP)

Ivan R. Estevão (USPLeste-IPUSP/PSC)

João Paulo Fernandes Barretta (HC-USP)

Joel Birman (UFRJ)

Josaida de Oliveira Gondar (UNIRIO)

Julio Sergio Verztman (UFRJ)

Maria Isabel de Andrade Fortes (PUCRJ)

Marta Rezende Cardoso (UFRJ)

Mônica M. Kother Macedo (PUCRS)

Paulo César de Carvalho Ribeiro (UFMG)

Richard Theisen simanke (UFRJ)

Rogério da Silva Paes Henriques (UFS)

Rogério Lerner (IP-USP/PSA)

Simone Perelson (UFRJ)

Estudantes:

Cristina de Campos Velho Birck (doutoranda UFRJ)

Maicon Pereira da Cunha (doutoranda UFRJ)

Mariana Ferreira Pombo (doutoranda UFRJ)

PÔSTERES: programa e resumos

Os pôsteres estarão expostos na antesala do auditório Carolina Bori, dia 21/06/2017, das 12h00 às 14h00.

Resumos dos Pôsteres

1. A formação do vínculo em crianças pequenas privadas da função materna no contexto do acolhimento institucional. Uma revisão bibliográfica

Camila Boti Bernardi Sant'Anna (PUC-Campinas)

Resumo: A relação mãe-bebê e a formação vincular tem grande relevância para o estudo do desenvolvimento psíquico, emocional e relacional do ser humano. Surgem questionamentos sobre situações em que o bebê é privado da função materna e encontra-se institucionalizado. A partir disto, o presente estudo se propôs a compreender sob o viés psicanalítico como se formam os vínculos afetivos-relacionais em bebês e crianças pequenas que estão acolhidas. Os objetivos se pautaram verificar como se dá o desenvolvimento dos vínculos em crianças acolhidas privadas da função materna nas pesquisas realizadas até então realizadas, bem como identificar as principais consequências emocionais para as crianças acolhidas sob a ausência dos cuidados maternos. Por fim, averiguar se há impacto da institucionalização para as formações vinculares e discutir estes achados. Para isto, foi realizado um levantamento bibliográfico de publicações científicas por meio de busca online na base de dados eletrônica Literatura Latina Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e em fontes complementares. Tais buscas foram realizadas durante o período de agosto a outubro de 2015, utilizando-se os descritores “vínculo materno”, “privação do vínculo materno”, “privação e vínculo”, “privação materna”, “crianças abrigadas” e “crianças acolhidas”.

Camila Boti Bernardi Sant'Anna possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2011). Tem experiência na área de Psicologia.

2. A paternidade e o cuidado dos filhos, diante das reconfigurações familiares: uma leitura psicanalítica.

Cristiano de Jesus Andrade (UMESP); Carlos de Sousa Filho (PUC); Willian de Moura Oliveira (UMESP); Miria Benincasa (UMESP); Luci Praun (UMESP)

Resumo: A ampliação do trabalho feminino, gerou questionamentos sobre os mecanismos tradicionais de reprodução social ao diminuir a disponibilidade de tempo destinado pelas mulheres ao cuidado de suas famílias. Essa noção se reflete na organização das famílias, com a modificação de um modelo que até então pouco havia avançado, no sentido de uma maior responsabilidade dos homens para com os cuidados domésticos/familiares. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar a percepção da paternidade na perspectiva de homens que cuidam de seus filhos enquanto suas mulheres trabalham fora de casa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa para a qual as informações foram coletadas através de entrevista semi-dirigida realizada com quatro homens cuidadores principais de seus filhos. Para análise dos dados, as falas dos participantes foram colocadas em categorias e analisadas à luz da psicanálise, bem como de autores que dialogam com suas ideias. Como resultados, constatou-se que diante de tais modificações que a sociedade vivencia, o desafio de ser pai é ainda mais acentuado, visto que devido às mudanças sociais e históricas, atualmente, uma parcela cada vez mais significativa de pais não ocupa o lugar de apenas provedor/autoridade fálica, como antes, mas também de educador. Tal reorganização, tende ainda a gerar situações de angústia, de perda do lugar, levando estes pais à necessidade de ressignificar sua posição e rever suas funções. Ou seja, essa conjuntura, propõem uma revisão da paternidade atrelada a um "regrador", o que acentua características relacionadas à um parceiro, ou um "provedor", para passar a assumir o papel de educador. Além disso, o papel paterno frente a esse novo contexto, precisa de dar conta de aprender com os novos valores que o filho poderá vir a passá-lo, ao se apropriar das configurações sociais e se relacionar com seu pai.

Cristiano de Jesus Andrade é mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atualmente é psicólogo da Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, MG.

Carlos de Sousa Filho é mestrando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica, na linha de pesquisa Intervenções Clínicas e Sociais (PUC).

Willian de Moura Oliveira é mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Miria Benincasa é professora da Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Luci Praun é professora da Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

3. A relevância científica da pesquisa teórica em psicanálise

Enzo Cléto Pizzimenti (IPUSP); Isis Grazielle da Silva (IPUSP); Rita Dambros Hentz (IPUSP); Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar (IPUSP); Laura Carrasqueira Bechara (IPUSP)

Resumo: Diante da persistência da pesquisa teórica como modo de produção do saber psicanalítico na universidade, abre-se um campo de reflexão acerca da relevância desse tipo de pesquisa enquanto produção científica. Posto isto, é veemente pensar de que maneiras seria possível estabelecer uma relação entre a pesquisa teórica e a produção científica enquanto algo potente e original para a comunidade acadêmica, sem perder de vista o caráter clínico das investigações em psicanálise e a sua premissa fundamental pautada na ética do sujeito. Tais reflexões advêm do percurso dos autores deste trabalho no Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade de São Paulo, seara na qual se tem identificado a necessidade de marcar um posicionamento acerca da relevância deste tipo de pesquisa no interior da comunidade científica. Para este intento, parte-se do pressuposto de que toda pesquisa no âmbito da psicanálise configura-se como uma pesquisa clínica, uma vez que tem como campo de investigação o inconsciente.

Enzo Cléto Pizzimenti é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

Isis Grazielle da Silva é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

Rita Dambros Hentz é Mestranda em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia (USP).

Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar é mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

Laura Carrasqueira Bechara é mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

4. Entre o ideal e o real: percepções maternas diante do bebê

Cristiano de Jesus Andrade (UMESP); Carlos de Sousa Filho (PUC); Marcela Silva Baccele (Metodista); Miria Benincasa (UMESP)

Resumo: As expectativas da mulher em relação ao exercício da maternidade podem influenciar sua atitude junto ao bebê. Igualmente, a família possui um padrão de papéis, atividades e relacionamentos interfamiliares associados a determinadas expectativas, de acordo com a sociedade em que estão inseridas. Diante disso, este estudo buscou compreender as percepções das mães nos momentos iniciais do nascimento do bebê, identificando os sentimentos destas em relação às características do filho real. Utilizou-se o método clínico do tipo "estudo de caso", sendo um estudo de cunho qualitativo-descritivo, o qual teve como participantes, seis mães de bebês de zero a três meses, nascidos na maternidade de um hospital situado no município de Poços de Caldas/MG. Como instrumento, empregou-se entrevistas semi-dirigidas, que foram transcritas e analisadas a luz da psicanálise winnicottiana. Os resultados apontam para uma desconstrução do bebê ideal para o bebê real, sendo identificadas gratificações das mães mediante ao encontro com o bebê, no qual emergiram questões inerentes a beleza física dos filhos e às transformações na identidade pessoal, que após o parto estas mulheres deixaram de serem apenas filhas para serem também mães, estando imbuídas nisto às cobranças delas e dos familiares. Por fim, a experiência de adaptação para com o bebê aparece como uma questão processual, ou seja, se "acostumaram com os filhos, mas com o passar do tempo". Com base nos dados obtidos, considera-se que os achados da pesquisa expressam a existência do apego e confirmam a necessidade de afeto na relação mãe-bebê. Identificou-se que a desconstrução do bebê ideal, não trouxe sensação de desconforto, sendo identificados diversos sentimentos experimentados por estas devido a adaptação à ideia de tornar-se mãe. Nesse sentido, percebe-se que as participantes lidam com a maternidade sem traços de psicopatologias e exercem de modo suficientemente bom a sua

função materna. Palavras-chaves: Maternidade; Expectativas maternas; Psicanálise Winnicottiana.

Cristiano de Jesus Andrade é mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atualmente é psicólogo da Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, MG.

Carlos de Sousa Filho é mestrando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica, na linha de pesquisa Intervenções Clínicas e Sociais (PUC).

Marcela Silva Baccele é doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente é professora nos cursos de Pedagogia, Direito e Administração na FACULDADES BERTIOGA. É psicóloga da Associação Lar Elizabeth.

Miria Benincasa é professora da Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). - miriabencasa@gmail.com

5. Fases do desenvolvimento infantil segundo a psicanálise

Marcos Roberto Fontoni (IPUSP); Leopoldo Fulgencio (IPUSP)

A Psicanálise tem uma vasta literatura a respeito do desenvolvimento socioemocional do ser humano. Tal conhecimento deriva da experiência dos psicanalistas na clínica com adultos e, em alguns casos, pela observação direta de bebês e seus cuidadores, sendo que este último caso tem se mostrado útil para a compreensão do que ocorre nos primeiros anos de vida (Spitz, 1979). A observação direta dos fenômenos leva em consideração o conhecimento acumulado e elabora, a partir dele, novos modelos para a compreensão do desenvolvimento emocional e até mesmo cognitivo da criança, como podemos ver, por exemplo, nos trabalhos de Beebe et al. (2016) e Kupfer et al. (2009). Em consonância com este modelo (que considera o arcabouço teórico), este trabalho visa organizar e discutir algumas teorias do desenvolvimento infantil na Psicanálise, a nível *preliminar*, como parte de um trabalho maior que terá como objetivo a construção de métodos para a investigação empírica do desenvolvimento infantil. Para este trabalho preliminar, foram selecionados quatro autores da Psicanálise que apresentam uma teoria do desenvolvimento socioemocional para os primeiros

anos de vida do bebê, sendo eles: Anna Freud, René Spitz, Margareth Mahler e Donald Winnicott. A partir da leitura das passagens em que estes autores descrevem os fenômenos que marcam o desenvolvimento, foi feita uma organização na qual cada fenômeno foi classificado seguindo uma ordem cronológica aproximada. Discute-se, então, a compreensão destes fenômenos em relação à linha cronológica do desenvolvimento, sua posição dentro da teoria do autor que os apresenta e seu diálogo com os fenômenos propostos pelos outros autores. Os resultados são apresentados em forma de tabela e a discussão sugere apresenta algumas proximidades e distanciamentos entre os autores e conclui que, apesar de usarem linguagens díspares, as teorias são, do ponto de vista fenomênico, não necessariamente contrárias mas podem ser complementares.

Marcos Fontoni é mestrando do programa de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da USP - fontoni@me.com

Leopoldo Fulgencio é professor no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade (desde 2014) - lfulgencio@usp.br

6. O vir a ser mãe: reações vivenciadas por mulheres mediante à notícia da gravidez

Carlos de Sousa Filho (PUC); Cristiano de Jesus Andrade (UMESP); Marcela Silva Baccelli (UMESP); Miria Benincasa (UMESP)

O saber psicanalítico informa que o desejo pela maternidade, pode ocorrer antes mesmo da existência de um corpo grávido, tendo início simbolicamente com as brincadeiras de bonecas na infância. Desta forma, entende-se que por mais que uma gravidez não seja planejada, ela é desejada, uma vez que o desejo é da ordem do inconsciente e não do consciente. Neste sentido, esta pesquisa objetivou analisar o modo como as mulheres/mães receberam a notícia da gravidez, o planejamento gestacional e o processo de aceitação da maternidade. Para tanto, utilizou-se o método clínico do tipo “estudo de caso”, com caráter qualitativo-descritivo, onde investigaram-se seis mães de bebês de zero a três meses, nascidos na maternidade de um hospital situado em um município do sul de Minas Gerais. Na coleta de dados, empregou-se entrevistas semi-dirigidas, que foram analisadas a partir da teoria psicanalítica winnicottiana. Como resultados, a maioria das mulheres relataram que não planejaram sua gravidez, tendo

ocorrido um impacto no momento da notícia, cuja aceitação estabeleceu-se durante um processo de elaboração. O fato da maioria das mães ter se surpreendido diante da notícia da gravidez supõe um conflito entre o desejo e a realidade negada, de que elas pudessem gerar uma vida. No entanto, é perceptível uma abertura para esta realidade, a qual favoreceu a elaboração da maternidade. Por fim, conclui-se que mesmo a gravidez não sendo planejada, as mulheres se apropriaram de seus lugares de mães, passando a desenvolver as atividades relativas a proteção e o afeto para com o filho. Tal fenômeno de elaboração, têm o vínculo como o componente básico desse processo interativo, pois a mulher se apropria de seu papel materno e das necessidades do filho por intermédio da tarefa do cuidar e, é por meio destas interações que se desenvolverá todo o afeto.

Palavras-chave: Gestação; Maternidade; Psicanálise Winnicottiana.

Carlos de Sousa Filho é mestrando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica, na linha de pesquisa Intervenções Clínicas e Sociais (PUC).

Cristiano de Jesus Andrade é mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Atualmente é psicólogo da Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, MG. cristianoandradepsico@gmail.com

Marcela Silva Baccelli é doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). marcelabaccelli@hotmail.com

Miria Benincasa é professora da Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). miriabenincasa@gmail.com

7. Releitura do caso guntrip a partir de um diálogo entre laplanche e foucault

Bárbara Bastos Borges (UFMG); Mariana Rúbia Gonçalves dos Santos (UFMG); Fábio Roberto Rodrigues (UFMG)

Ao traçar a arqueologia do saber, Michel Foucault resgata o conceito de cuidado de si e o articula a dispositivos disciplinares e moralizadores, situando a psicanálise como uma prática de cuidado de si, dentro do que ele chama “espiritualidade”. O objetivo do presente artigo reside em responder à pergunta: a psicanálise é um dispositivo disciplinar para o cuidado de si? Para tanto, definimos o que é psicanálise a partir da releitura de Jean Laplanche,

abordando sua metapsicologia e o método de intervenção analítica proposto por esse autor, e o que é um dispositivo disciplinar; diante dessas definições, analisamos o relato de fim de análise de Harry Guntrip, denominado “Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott”, e então discutimos se a finalidade da análise enquanto método psicanalítico reside no cuidado de si outrora indicado por Foucault. Nossa conclusão hipotética é de que o método psicanalítico, sendo um dispositivo político-moral burguês por excelência, integra as Releituras do Caso Guntrip a Partir de Um Diálogo Entre Laplanche e Foucault práticas de cuidado de si e também pode ser considerada uma prática de liberdade.

Bárbara Bastos Borges é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Iniciação Científica do CNPq pelo projeto As Finalidades da Análise: diálogos a partir de Laplanche e Foucault; integrante do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Política, por meio do qual desenvolve atividades de pesquisa, docência e extensão. - barbarabhastos@gmail.com

Mariana Rúbia Gonçalves dos Santos é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq atuando no projeto "Entre o Cuidado e a Sedução: Diálogos entre Winnicott e Laplanche". - marianagsantos2@gmail.com

Fábio Roberto Rodrigues é doutor em Literatura Brasileira (FALE - UFMG - 2007). Atualmente, lidero do Grupo de Pesquisa "Psicanálise e Política". - fabibelo76@gmail.com

8. Sentimentos experimentados por pacientes em uma instituição oncológica: um olhar psicanalítico

Carlos de Sousa Filho¹; Cristiano de Jesus Andrade;² Marcela Silva Baccelli³; Rosana Ribeiro de Barros Galharde⁴

O diagnóstico de câncer insere na vida do sujeito uma série de reorganizações, e diante disso, uma necessidade de tratamento que visto sua complexidade demanda atenção multidisciplinar. Complexidade essa que precisa contemplar a singularidade e lidar com as tensões deste indivíduo, que de modo quase que geral necessita de apoio para que possa vivenciar as transformações em sua dinâmica vivencial. Sendo assim, este trabalho teve por objetivo

analisar os sentimentos experimentados por pacientes, mediante ao tratamento quimio/radioterápico, em uma instituição oncológica no município de São João da Boa Vista/SP. Para tanto, adotou-se como método a pesquisa qualitativa, utilizando como instrumento a entrevista semi-dirigida. E, posteriormente os resultados foram analisados sob a perspectiva da teoria da psicanálise. A partir da análise dos dados, compreendeu-se que os participantes, em sua totalidade, utilizaram mecanismos de defesa para lidar com a situação de descoberta da doença e com o tratamento quimio/radioterápico. Das defesas, as que tiveram maior frequência foram: a racionalização, tida como um meio de lidar com sua vivência; a negação da realidade, que foi perceptível frente ao tratamento; bem como, a ambivalência de sentimentos ao saberem de seu diagnóstico. Os participantes trouxeram, de modo menos frequente, sentimentos de medo da morte, angústia de perda e resistência ao tratamento. Com base nessas informações, concluiu-se que, o fato dos participantes utilizarem muitas defesas, pode ser a principal razão de angústias, principalmente em relação à morte, sentimentos estes que não apareceram de modo significativo, permanecendo latentes e que isso pode ser considerado um fator positivo, entendendo que os mecanismos de defesa estão a serviço da manutenção do equilíbrio psíquico. Tal estudo ainda, possibilitou aprimorar os conhecimentos acerca das reações da pessoa acometida por diferentes tipos de câncer, assim como, compreender o modo como a mesma administra os conteúdos não elaborados sobre a descoberta e tratamento da patologia. **Palavras-chave:** Câncer; Instituição oncológica; Defesas e Psicanálise.

Carlos de Sousa Filho é mestrando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). csfilhopsi@gmail.com

Cristiano de Jesus Andrade é mestrando em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). cristianoandradsico@gmail.com

Marcela Silva Baccelli é doutoranda em Psicologia da Saúde pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). marcelabaccelli@hotmail.com

Rosana Ribeiro de Barros Galharde é professora do curso de Psicologia do Centro Universitário das faculdades Associadas de Ensino de São João da boa vista (UNIFAE). shyrley@fae.br

COMUNICAÇÕES: programa e resumos

As comunicações estão distribuídas em 12 mesas e serão apresentadas no dia 21 em três salas simultaneamente, nos seguintes horários:

1. Primeira sessão (das 9:00 às 10:30), indicada pela sigla I;
2. Segunda sessão (das 11:00 às 12:30), indicada pela sigla II;
3. Terceira sessão (das 13:30 às 15:00), indicada pela sigla III;
4. Quarta sessão (das 15:30 às 17:00), indicada pela sigla IV.

Nas seguintes salas:

- a) Sala 20 do bloco B, indicada pela sigla B20;
- b) Sala 18 do bloco G, indicada pela sigla G18;
- c) Sala 13 do bloco F, indicada pela sigla F13.

Lista das comunicações (ordem alfabética, por título):

1. A antropologia pode contribuir para a pesquisa em psicanálise? Traçando diálogos entre o perspectivismo e a experiência psicanalítica. **(IV, G18)**
Thais Klein (UFRJ)
2. A construção de um “Posto Móvel de Escuta” na socioeducação: uma metodologia psicanalítica nomeada Escuta-Flânerie. **(IV, G18)**
Luísa Puricelli Pires (UFRGS); Roselene Gurski (UFRGS)
3. A ideologia nos discursos do profissional de saúde frente ao sujeito em uso abusivo de psicotrópicos: a interseção da análise do discurso e psicanálise. **(I, F13)**
Camila De Araújo Carrilho (UECE); Lia Carneiro Silveira (UECE)
4. A pesquisa em psicanálise na enfermagem: uma aposta na radicalidade do singular. **(II, F13)**
Camila De Araújo Carrilho (UECE); Lia Carneiro Silveira (UECE); Francisco Paiva Filho (UECE); Isabella Costa Martins (UECE)
5. A Pesquisa Psicanalítica Em Instituições Socioassistenciais: Limites E Possibilidades Da Psicanálise Implicada. **(II, F13)**
Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar (IPUSP); Christopher Rodrigues Anunciação (IPUSP); Ivan Ramos Estevão (EACH-USP); Miriam Debieux Rosa (IPUSP)
6. A Pesquisa Psicanalítica Sustentada Em Três Pilares Fundamentais. **(IV, F13)**
Cristiano Dal Forno (PUC-RS); Mônica Medeiros Kother Macedo (PUC-RS)
7. A Psicanálise E O Paradigma Vigente: O Lugar De Uma Ciência Não-Normal. **(III, F13)**
Róger De Souza Michels (PUC-RS); Marcela Gonçalves Freitas (PUC-RS); Raíssa Ramos Da Rosa; (PUC-RS) Mônica Medeiros Kother Macedo (PUC-RS)

8. A Relevância Da Transmissão Da Pesquisa Científica Em Psicanálise Para Alunos Da Graduação. **(III, F13)**
Laura Carrasqueira Bechara (PUC-RS); Rita Dambros Hentz (USP); Isis Grazielle Da Silva (USP); Enzo Cléto Pizzimenti (USP)
9. A Técnica De Horney – Uma Investigação Acerca Dos Fins Políticos Da Análise. **(II, B20)**
Patrícia Mafra De Amorim(USP); Heloísa Moura Bedê (UFMG)
10. As Contribuições De Adolf Grünbaum Para O Debate Sobre A Pesquisa Clínica Em Psicanálise Dentro E Fora Dos Círculos Psicanalíticos. **(III, G18)**
Caio Padovan (UFRJ); Hugo Tannous Jorge (UFJF)
11. Brasil: Uma Pátria Sem Pai? Declínio Da Função Paterna E A Cultura Brasileira. **(I, G18)**
Fernando Basso (UFRGS); Amadeu De Oliveira Weinmann (UFRGS)
12. Clínica E Pesquisa: Quais As Possibilidades Metodológicas? **(IV, B20)**
Rodrigo Traple Wiczorek (PUC-RS); Carlos Henrique Kessler (UFRGS)
13. Da Inestética Como Mediadora Para O Diálogo Transdisciplinar Entre Arte E Psicanálise: Contribuições De Alain Badiou. **(III, G18)**
Mariana Rodrigues Festucci Ferreira (PUCSP)
14. Desconstrução: Reflexões Acerca Da Metodologia De Pesquisa E De Leitura. **(I, B20)**
Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)
15. Do Enunciado À Enunciação: Ressonâncias Entre A Interpretação Talmúdica E A Psicanalítica. **(III, G18)**
Mariana Rodrigues Festucci Ferreira (PUCSP); João Ezequiel Grecco (PUCSP)

16. Dos Honorários Do Analista Ao Atendimento Psicanalítico Gratuito: Considerações Sobre As “Clínicas Gratuitas” De Psicanálise. **(IV, B20)**
Luiz Eduardo De Vasconcelos Moreira (IPUSP); Daniel Kupermann (IPUSP)
17. Encontro Entre Teoria E Clínica Psicanalítica No Âmbito De Uma Pesquisa Vinculada À Universidade. **(IV, F13)**
Tatiana Fagundes Audino (UFRJ); Stephanie Soares Brum (UFRJ)
18. Ensaio Como Modalidade Acadêmico-Científica Para A Psicanálise. **(IV, F13)**
Estanislau Alves Da Silva Filho (CWSP)
19. Entre Ser E Ter Uma Deficiência: Um Estudo Sobre As Identificações. **(I, G18)**
Diego Rodrigues Silva (IPUSP); Eliana Herzberg (IPUSP)
20. Imbricações Entre Pensamento E Objeto No Método De Laplanche. **(II, B20)**
Jhonatan Jeison De Miranda (UFMG)
21. Jacques Lacan E Jacques Derrida: Aproximações. **(II, B20)**
Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)
22. Leitura Desconstrutiva E Pesquisa Psicanalítica. **(I, B20)**
Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Héliida Vieira Da Silva Xavier (UFAL)
23. Musicalidade E Psicanálise: A Linguagem Musical No Autismo E Na Psicose. **(III, B20)**
Bruno Gonçalves Dos Santos (UNESP)
24. O Que Repele Por Sua Natureza É Demasiado Familiar: O Conceito De Unhemlichna Teoria Psicanalítica E Sua Importância Na Análise Do Fascismo. **(I, G18)**
Rafael Da Silva Shirakava (UNESP)

25. Pesquisa Em Psicanálise: Uma Revisão Sistemática. **(III, F13)**
Davisson Gonçalves Giaretta (PUCRS); Alexandra Garcia Grigorieff (PUCRS); Mariana Machado Felin (PUCRS); Elisa Cainelli Andreola (PUCRS); Isadora Brauveres Correa Colombo (PUCRS); Mônica Medeiros Kother Macedo (PUCRS)
26. Pesquisas Psicanalíticas Sobre A Identificação Precoce De Sinais De Risco Psíquico: Algumas Controvérsias. **(II, F13)**
Kelly Cristina Brandão Da Silva (UNICAMP)
27. Por Que A Desconstrução Seria Um Método De Leitura Rigoroso? **(I, B20)**
Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)
28. Psicanálise Crítica: Implicações Sócio-Políticas Da Escuta Do Sofrimento Psíquico. **(I, F13)**
Priscilla Melo Ribeiro De Lima (UFG); Sostenes Cezar De Lima (UEG)
29. Relato De Experiência Clínica: “Do Alvorecer Das Pedras Ao Caminho Da Elaboração. **(III, B20)**
Haggatta Luana Maia (Inst. Laura de Souza Lima); Sergio Luiz Ribeiro (PUC)
30. Sobre A Aplicabilidade Dos Dispositivos Clínicos No Acompanhamento De Adolescentes Autores De Atos Infracionais: Intervenções Por Meio Da Escuta Psicanalítica. **(IV, G18)**
Joicy Anne Silva (UNESP); Gustavo Henrique Dionisio (UNESP)
31. Sobre O Estatuto Psíquico Da Obesidade Frente À Demanda Contemporânea: Sintoma E Acontecimento De Corpo. **(III, B20)**
Juliana Medeiros Silva (UNESP); Gustavo Henrique Dionisio (UNESP)
32. Uma Nova Perspectiva Sobre A Dinâmica Do Prazer. **(IV, B20)**
Stephanie Soares Brum UFRJ; Tatiana Fagundes Audino (UFRJ)
33. Violência E Pornografia Na Experiência Cinematográfica. **(I, F13)**
Fabio Dal Molin (UFRGS)

Agrupamento das Comunicações por Blocos, Mesas e Salas

Primeira sessão de Comunicações. Das 9h às 10:30

MESA 1 – A Desconstrução como método - Bloco B sala 20

1. Por que a desconstrução seria um método de leitura rigoroso?

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)

2. Desconstrução: reflexões acerca da metodologia de pesquisa e leitura

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)

3. Leitura desconstrutiva e pesquisa psicanalítica

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Héliida Vieira Da Silva Xavier (UFAL)

Mesa 2 – Identificações - Bloco G sala 18

1. Brasil: uma pátria sem pai? Declínio da função paterna e a cultura brasileira

Fernando Basso (UFRGS); Amadeu De Oliveira Weinmann (UFRGS)

2. Entre ser e ter uma deficiência: um estudo sobre as identificações

Diego Rodrigues Silva (IPUSP); Eliana Herzberg (IPUSP)

3. O que repele por sua natureza é demasiado familiar: o conceito de *unheimlich* na teoria psicanalítica e sua importância na análise do fascismo

Rafael Da Silva Shirakava (UNESP)

Mesa 3 – Discursos – Bloco F sala 13

1. Violência e pornografia na experiência cinematográfica

Fabio Dal Molin (UFRGS)

2. Psicanálise crítica: implicações socio-políticas da escuta do sofrimento psíquico

Priscilla Melo Ribeiro De Lima (UFG); Sostenes Cezar De Lima (UEG)

3. A ideologia nos discursos do profissional de saúde frente ao sujeito em uso abusivo de psicotrópicos: a interseção da análise do discurso e psicanálise

Camila De Araújo Carrilho (UECE); Lia Carneiro Silveira (UECE)

Segunda sessão de Comunicações. Das 11:00 as 12:30h

MESA 4 – Pensamento e objeto - Bloco B sala 20

1. A técnica de horney – uma investigação acerca dos fins políticos da análise
Patrícia Mafra De Amorim (USP); Heloísa Moura Bedê (UFMG)
2. Imbricações entre pensamento e objeto no método de laplanche
Jhonatan Jeison De Miranda (UFMG)
3. Jacques lacan e jacques derrida: aproximações
Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)

II. Mesa 5 – Bloco G sala 18

(vazio)

Mesa 6 – Psicanálise Aplicada - Bloco F sala 13

1. Pesquisas psicanalíticas sobre a identificação precoce de sinais de risco psíquico: algumas controvérsias
Kelly Cristina Brandão Da Silva (UNICAMP)
2. A pesquisa psicanalítica em instituições socioassistenciais: limites e possibilidades da psicanálise implicada
Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar (IPUSP); Christopher Rodrigues Anunciação (IPUSP); Ivan Ramos Estevão (EACH-USP); Miriam Debieux Rosa (IPUSP)
3. A pesquisa em psicanálise na enfermagem: uma aposta na radicalidade do singular
Camila De Araújo Carrilho (UECE); Lia Carneiro Silveira (UECE); Francisco Paiva Filho (UECE); Isabella Costa Martins (UECE)

Terceira sessão de Comunicações. Das 13:30 as 15:00h

Mesa 7 – Corpo, psicose e clínica - Bloco B sala 20

1. Sobre o estatuto psíquico da obesidade frente à demanda contemporânea: sintoma e acontecimento de corpo
Juliana Medeiros Silva (UNESP); Gustavo Henrique Dionisio (UNESP)
2. Relato de experiência clínica: "do alvorecer das pedras ao caminho da elaboração"
Haggatta Luana Maia (Inst. Laura de Souza Lima); Sergio Luiz Ribeiro (PUC)
3. Musicalidade e psicanálise: a linguagem musical no autismo e na psicose
Bruno Gonçalves Dos Santos (UNESP)

Mesa 8 – Contribuições - Bloco G sala 18

1. Da inestética como mediadora para o diálogo transdisciplinar entre arte e psicanálise: contribuições de alain badiou
Mariana Rodrigues Festucci Ferreira (PUCSP)
2. As contribuições de adolf grünbaum para o debate sobre a pesquisa clínica em psicanálise dentro e fora dos círculos psicanalíticos
Caio Padovan (UFRJ); Hugo Tannous Jorge (UFJF)
3. Do enunciado à enunciação: ressonâncias entre a interpretação talmúdica e a psicanalítica
Mariana Rodrigues Festucci Ferreira (PUCSP); João Ezequiel Grecco (PUCSP)

Mesa 9 – Pesquisa em Psicanálise - Bloco F sala 13

1. Pesquisa em psicanálise: uma revisão sistemática
Davisson Gonçalves Giaretta (PUCRS); Alexandra Garcia Grigorieff (PUCRS); Mariana Machado Felin (PUCRS); Elisa Cainelli Andreola (PUCRS); Isadora Brauveres Correa Colombo (PUCRS); Mônica Medeiros Kother Macedo (PUCRS)
2. A psicanálise e o paradigma vigente: o lugar de uma ciência não-normal
Róger De Souza Michels (PUC-RS); Marcela Gonçalves Freitas (PUC-RS); Raíssa Ramos Da Rosa; (PUC-RS) Mônica Medeiros Kother Macedo (PUC-RS)
3. A relevância da transmissão da pesquisa científica em psicanálise para alunos da graduação
Laura Carrasqueira Bechara (PUC-RS); Rita Dambros Hentz (USP); Isis Grazielle Da Silva (USP); Enzo Cléto Pizzimenti (USP)

Quarta sessão de Comunicações. Das 15:30 as 17:00h

Mesa 10 – Teoría, clínica e pesquisa - Bloco B sala 20

1. Uma nova perspectiva sobre a dinâmica do prazer
Stephanie Soares Brum (UFRJ); Tatiana Fagundes Audino (UFRJ)
2. Clínica e pesquisa: quais as possibilidades metodológicas?
Rodrigo Traple Wieczorek (PUC-RS); Carlos Henrique Kessler (UFRGS)
3. Dos honorários do analista ao atendimento psicanalítico gratuito: considerações sobre as “clínicas gratuitas” de psicanálise
Luiz Eduardo De Vasconcelos Moreira (IPUSP); Daniel Kupermann (IPUSP)

Mesa 11 – Psicanálise e sociedade - Bloco G sala 18

1. A construção de um “posto móvel de escuta” na socioeducação: uma metodologia psicanalítica nomeada escuta-flânerie
Luísa Puricelli Pires (UFRGS); Roselene Gurski (UFRGS)
2. A antropologia pode contribuir para a pesquisa em psicanálise? Trançando diálogos entre perspectivismo e a experiência psicanalítica
Thais Klein (UFRJ)
3. Sobre a aplicabilidade dos dispositivos clínicos no acompanhamento de adolescentes autores de atos infracionais: intervenções por meio da escuta psicanalítica
Joicy Anne Silva (UNESP); Gustavo Henrique Dionisio (UNESP)

Mesa 12 – Modalidades de pesquisa - Bloco F sala 13

1. A pesquisa psicanalítica sustentada em três pilares fundamentais
Cristiano Dal Forno (PUC-RS); Mônica Medeiros Kother Macedo (PUC-RS)
2. Ensaio como modalidade acadêmico-científica para a psicanálise
Estanislau Alves Da Silva Filho (CWSP)
3. Encontro entre teoria e clínica psicanalítica no âmbito de uma pesquisa vinculada à universidade
Tatiana Fagundes Audino (UFRJ); Stephanie Soares Brum (UFRJ)

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

(por ordem alfabética de título da comunicação)

1. A Antropologia pode contribuir para a pesquisa em psicanálise? Traçando diálogos entre o perspectivismo e a experiência analítica

Thais Klein (UFRJ)

Resumo: O perspectivismo na antropologia surge principalmente a partir das ideias de Viveiros de Castro (1996; 2002; 2015) e Philippe Descola (2013) como resposta à crise pós-moderna da noção de representação que desestabiliza a diferenciação entre sujeito e objeto, assim como outros dualismos (natureza e cultura, significados linguísticos e realidade extralinguística). Se não se pode garantir a distinção entre sujeito e objeto como diferenciar eu e outro, antropólogo e nativo, analista e analisando? A quebra do paradigma representacional coloca uma questão importante para a alteridade e, conseqüentemente, para a pesquisa em antropologia: como criar condições para a autodeterminação ontológica do outro quando todos nós temos nossos próprios pressupostos ontológicos? A resposta de Viveiros de Castro é contundente: “sempre deixe uma via aberta para a pessoa que você está descrevendo” A inspiração vem, sobretudo, da filosofia de Deleuze (1988), principalmente no conceito de Outro (*Autrui*). Grosso modo, o Outro deleuzeano é uma possibilidade que concebe outro mundo na face ou no olhar do outro. O Outro é a expressão de um mundo possível – possibilidade virtual na medida em que este mundo não existe para além de sua expressão – não é um mundo escondido. Nesse sentido, o perspectivismo não visa explicar ou interpretar, mas experienciar. Inspirado nas considerações de Winnicott, Viveiros de Castro (2014) propõe que o etnógrafo deve se calcar em uma descrição suficientemente boa. Trata-se de não explicar os paradoxos, no sentido de permitir não se perguntar o que sou eu e o que é o outro, mas de se permitir experienciar uma área de fronteiras indefinidas, uma terceira área de criatividade (correlata ao espaço potencial). Ora, se ficarmos atentos, como indica Costa (2001), na armadilha da valorização da interioridade na psicanálise que implica na dicotomia entre interioridade e exterioridade, se pensarmos, conforme aponta Winnicott (1971/1988), na prática psicanalítica como uma experiência, a questão do encontro antropológico, guardando as devidas diferenças, não se aproximaria do encontro analítico? Desta perspectiva, como tratar e, mais especificamente na pesquisa, como descrever o encontro clínico? Diante desse quadro, o objetivo deste trabalho é investigar as contribuições do perspectivismo, atento as

devidas diferenças, para pensar a experiência de pesquisa e clínica psicanalíticas. Trata-se, sobretudo, de destacar a clínica como experiência e suas consequências para questões como a alteridade, a transferência e teoria/prática na pesquisa em psicanálise.

Thais Klein é doutoranda em Teoria Psicanalítica pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. [Email: thaiskda@gmail.com](mailto:thaiskda@gmail.com)

2. A construção de um “posto móvel de escuta” na socioeducação: uma metodologia psicanalítica nomeada escuta-flânerie

Luísa Puricelli Pires (UFRGS); *Roselene Gurski* (UFRGS)

Resumo: Em um movimento de indagação acerca do fazer do psicanalista em instituições socioeducativas, lançamos uma proposta metodológica que se constitui como uma forma de escutar as questões da socioeducação desde a psicanálise. Criada a partir de uma experiência dentro de uma instituição que executa medidas socioeducativas de privação de liberdade no RS, a metodologia se forjou no encontro das questões trabalhadas pelo grupo de pesquisa, a formação da psicanalista e as particularidades do campo, partindo dos pressupostos do a posteriori, desde onde não nos antecipamos à experiência com objetivos e modos de trabalho pré-estabelecidos. Nesse processo, foi ganhando força a conjugação de um paralelo entre a atenção flutuante, preconizada pela Psicanálise, e a postura do flâneur, revisitada por Walter Benjamin (1937/1989). Relacionando a posição do flâneur com a do psicanalista, enunciamos o catador de restos que, a partir do que seria descartado ou negado, oferece, em sua destoante postura, um espaço para o tropeço, o impensável e o detalhe - de onde podem vir a se produzir novas formulações acerca das mesmas coisas. A flânerie de Baudelaire tinha o intuito de marcar uma contestação ao mercantilismo que ameaçava de algum modo as produções culturais da época e talvez em especial sua posição de poeta. Foi a partir do lugar do flâneur, o qual enuncia uma duplicidade ao se vender em um lugar de exclusão justamente para se colocar no meio da multidão - em um movimento a contrapelo do ritmo imposto na sociedade - que Baudelaire lançou sua micropolítica de contestação. Conforme D'Angelo (2006), a flânerie permite um outro tempo que não a correria do “não se pode perder tempo”. O flâneur se propõe a fazer paradas, mudanças de rotas, deixando-se levar livremente pelos encontros e desencontros que engendra em sua caminhada. Essa posição marginal possibilita que se fuja da monotonia e do mecanicismo, transformando-se em uma forma de arte. Ao comparar a

flânerie com a ideia do colecionador, Arendt (1955/1987, p. 171) salienta que o flâneur tem uma paixão pelo caótico e pelo autêntico, estando em contato com as sombras, “selecionando seus preciosos fragmentos entre o monte de destroços”. Desse modo, algo na posição do flâneur se assemelha a do psicanalista, o qual transita nos conteúdos mais obscuros de si quando se põe a escutar o outro. Nesse sentido, aponta-se que, assim como a atenção flutuante (Freud, 1912/2006) é emblemática para pensarmos a metodologia da ética da posição de escuta do psicanalista, a flânerie é a contrapartida corporal dessa postura. Ora, o flâneur nada mais é, na proposta que estamos articulando aqui, do que aquele que flutua por sob a materialidade crua e árida dessa instituição à espera das produções dos sujeitos. Desse modo, a flânerie colabora com nossa teorização acerca da metodologia usada, enriquecendo nossos meios de falar da experiência de construção desse espaço de escuta na socioeducação, sendo ainda um reflexo da posição ética da psicanálise de dar lugar para que o inconsciente do outro emerja (Lacan, 1959-1960/2010). A disponibilidade de transitar, acompanhar, escutar e promover paradas no cotidiano proporcionou um espaço novo na Instituição em que os agentes socioeducativos começaram a perceber a presença da psicanalista, o desejo de estar ali escutando-os e a possibilidade de que alguém estivesse se dispondo a testemunhar a dimensão do horror e do traumático ao qual se sentem submetidos. Tendo isso em vista, tornou-se fundamental destacar em nossa metodologia a importância desse flânar pela instituição, que marcava um ritmo próprio dessa intervenção e, ao mesmo tempo, a força de uma materialidade da presença da psicanalista naquele local, que se constituía como a intervenção per se. Isso parece ter possibilitado um sentimento de continuidade do trabalho e de confiança que se reproduzia nas falas e na transferência com o lugar de escuta (Pires, 2016). Esse dispositivo, construído frente às limitações que a entrada na instituição engendrou, segue operando em nossa intervenção, inclusive para nomear esse movimento da pesquisadora-psicanalista que vai até o campo e não recebe os analisantes em seu consultório. Para além disso, entretanto, o transitar pelos corredores da instituição, recolhendo fragmentos e vivências, marca a presença sensível do fazer do psicanalista que, ao escutar a transferência, intervém desde o lugar em que é posto, mas sem perder de vista a ética da Psicanálise. Criando condições para que os sujeitos possam vir a ter um espaço para inaugurar/revisitar seu desejo de falar, o psicanalista leva seu compromisso com o Bem-dizer, que está intimamente relacionado à própria Coisa, a qual vem a ser a matéria bruta daquilo que vacila e causa desejo (Lacan, 1973/2003).

Luísa Puricelli Pires é mestranda no pós-graduação de Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS sob a orientação da professora Dra. Roselene Gurski.

Roselene Gurski é professora do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Programa de Pós-graduação em Psicanálise: clínica e cultura (UFRGS)

3. A ideologia nos discursos do profissional de saúde frente ao sujeito em uso abusivo de psicotrópicos: a interseção da análise do discurso e psicanálise

Camila De Araújo Carrilho (UECE); *Lia Carneiro Silveira* (UECE)

Resumo: O presente estudo refere-se aos resultados oriundos de uma pesquisa de dissertação que teve enquanto referencial teórico-metodológico a pesquisa em Psicanálise. Esse recorte apresenta como finalidade discutir a ideologia presente na escuta dos discursos dos profissionais de saúde, compreendendo os médicos e enfermeiros que atuam na atenção primária e secundária do município de Fortaleza-CE, acerca do que os levam a realizarem uma frequente prescrição de benzodiazepínicos. Para isso, foi utilizado enquanto método de leitura das entrevistas a Análise do Discurso embasada pela corrente teórica francesa de Michel Pêcheux. Contudo, com a construção dos resultados, identificamos uma necessidade de maior aproximação entre essas duas correntes com vias de questionar o conceito de “formação ideológica” por Pêcheux. Assim, consideramos abrir a possibilidade para pensar a ideologia como algo que se encontra recalcado no discurso, ao mesmo tempo em que dentro desse discurso é possível tocar em algo que falha, que se rebela, da posição do sujeito, articulando a noção de ideologia com o inconsciente a partir das próprias elucubrações de Lacan. Partindo da elaboração lacaniana do discurso como uma montagem destinada a tratar e a produzir o gozo, analisamos os mecanismos da formação ideológica que sustenta esse discurso a partir dos discursos em Lacan, foi encontrado na base dos discursos para explicar a prescrição e a problemática do uso abusivo de benzodiazepínicos trata-se do discurso capitalista. O que se torna revelado pela centralidade dada ao benzodiazepínico nas falas, que é colocado para mediar a relação entre profissional e paciente, sendo o objeto que vem a tentar recobrir a falta que é colocado neste laço social e os demais. Frente a isso, lançamos a seguinte questão: à serviço de que o benzodiazepínico se encontra? Com a leitura psicanalítica podemos aproximá-lo do que seria o objeto gadget e sua função no discurso capitalista, de uso

curto e rápido, revestido pelo brilho de recobrir a falta. A estimulação da resposta pela via única da medicalização vem apresentando sua face nociva, que reside especialmente pela ideia que se alimenta de que pode haver uma solução para falta, de que pode-se eliminar todo o mal-estar e gozar de uma vida sem sofrimento.

Camila De Araújo Carrilho é docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixada (Unicatólica). Possui graduação em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FAEN-UERN)

Lia Carneiro Silveira é professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde e da Graduação do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza, CE. - silveiralia@gmail.com

4. A pesquisa em psicanálise na enfermagem: uma aposta na radicalidade do singular

Camila De Araújo Carrilho (UECE); *Lia Carneiro Silveira* (UECE); *Francisco Paiva Filho* (UECE); *Isabella Costa Martins* (UECE)

Resumo: Apostamos no referencial psicanalítico para pesquisa por sua indissociabilidade com a prática clínica (CECCARELLI, 2012). Acreditamos, assim, que sua articulação com a clínica de Enfermagem nos possibilita trazer contribuições para a mesma. Objetivamos discutir acerca das contribuições da pesquisa embasada no referencial psicanalítico para a Enfermagem. Para isso, realizamos um estudo teórico-reflexivo, baseado nas discussões e referencial da disciplina “Pesquisa e Subjetividade” do Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da UECE. Desde seu surgimento no século XIX, a Enfermagem buscou se adequar ao conhecimento científico, conseguindo produzir grandes avanços para assistência ao paciente. No entanto, há momentos em que a enfermagem se depara, no cotidiano de sua prática clínica, com problemas de saúde que estão expressos no corpo, porém sem “causa” aparente: feridas que não cicatrizam, dores sem explicação fisiológica, entre outras (SILVA E KIRSHMBAUM, 2008). Sustentamos que nessas situações há algo que vai além do compreendido pela racionalidade científica. É nessa interface em que a psicanálise surge, no momento que identificamos algumas lacunas, principalmente das que estão relacionadas com a subjetividade. Para psicanálise, o sujeito é o sujeito do inconsciente, pois o que se sucede na psique não pode ser apreendido totalmente pela consciência, há algo

que escapa, que fica latente, que é inteiramente inconcebível para o sujeito (FREUD, [1915] 2010). A pesquisa em psicanálise tem enquanto particularidade o inconsciente como enfoque, isto é, sobre um saber que não diz respeito somente de vivências humanas da pessoa, mas enquanto um lugar de registro de uma verdade do sujeito, que é não sabida, porém, bastante ativa e determinante (SILVA; KIRSCHBAUM; 2008). Para isso, há uma quebra com a necessidade de generalização, pois os pesquisadores não estão em busca de formar categorias, quantificar, produzir significados ou conceitos para enquadrar os sujeitos. Partindo da contribuição de Lacan (1998), que afirma que o inconsciente é estruturado enquanto linguagem, sendo o meio pelo qual temos acesso ao mesmo é a fala. Destacamos a valorização do significante (imagem material acústica) sobre a idéia ao qual está associada – o significado, na estratégia de análise (IRIBARRY, 2010). Visto que há um descolamento entre esses dois elementos da palavra, na qual os significantes não terão um sentido já constituído. Na verdade, eles serão engendrados de novos sentidos, de acordo com experiência de cada sujeito, operando em cadeia de significantes, produzindo associações de forma incessante (ELIA, 2004). Resta-nos operar com o “Saber Não-saber”, como abordado por Kurimoto (2013), o qual devemos abandonar a compulsão em fazer saber e fazer sentido. A autora afirma que por meio dessa postura, o profissional pode assumir não saber nada sobre o outro, tornando o encontro autêntico e dando condições para que o sujeito possa vir a comparecer. É preciso apostar na radicalidade da singularidade ao se tratar de cada caso, como foi reforçado por Lacan. Assim, concluímos que essa postura pode abrir margem para advir elementos da dimensão da subjetividade que escapam a racionalidade científica, que não podem ser objetificados, inaugurando novos caminhos para o saber-fazer em Enfermagem.

Camila De Araújo Carrilho é docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Católica de Quixada (Unicatólica). - carrilhocamila@hotmail.com

Lia Carneiro Silveira é professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde e da Graduação do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Fortaleza. - silveiralia@gmail.com

Francisco Paiva Filho é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Fortaleza. - chicopf@yahoo.com.br

Isabella Costa Martins é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Fortaleza. - isbellacostamartins@yahoo.com.br

5. **A pesquisa psicanalítica em instituições socioassistenciais: limites e possibilidades da psicanálise implicada**

Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar (IPUSP); *Christopher Rodrigues Anuniação* (IPUSP); *Ivan Ramos Estevão* (EACH-USP); *Miriam Debieux Rosa* (IPUSP)

Resumo: A inserção da psicanálise no âmbito das instituições socioassistenciais suscita continuamente novas problemáticas de investigação sobre as possibilidades da construção de um saber analítico, que ultrapasse os limites do modelo clínico tradicional. Ao revés da simples “transposição” dos métodos de pesquisa e atuação da psicanálise stricto sensu às instituições, evidencia-se a necessidade de construção de outros modos de aproximação com os fenômenos, mantendo como ponto de baliza a ética da psicanálise. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva apresentar a “psicanálise implicada” como possibilidade de pesquisa e intervenção nesse campo. Tal modalidade tem em vista a construção de um dispositivo clínico que seja capaz de elucidar complexas problemáticas sociopolíticas que recaem sobre os sujeitos, além de possibilidades de atuação através desse dispositivo. Parte-se do pressuposto que o desenvolvimento de uma pesquisa em psicanálise independe do domínio de experiência em que o pesquisador se insira. A transferência, elemento crucial do trabalho analítico, é que possibilita a produção da pesquisa e da intervenção através do lugar de escuta que se enseja na prática analítica.

Gabriela Medeiros Rodrigues Aguiar é mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Christopher Rodrigues Anuniação é mestrando em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Ivan Ramos Estevão é professor de psicologia na graduação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), professor do programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, membro do Laboratório

de Psicanálise e Sociedade do Instituto de Psicologia da USP e membro do Fórum do Campo Lacaniano. –

Miriam Debieux Rosa é professora Livre-Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e atua na Pós-Graduação em Psicologia Clínica.

6. A pesquisa psicanalítica sustentada em três pilares fundamentais

Cristiano Dal Forno (PUC-RS); *Mônica Medeiros Kother Macedo* (PUC-RS)

Resumo: O tema da pesquisa psicanalítica configura-se como novo e antigo. De um lado, intensificados estão, atualmente, os debates acerca da epistemologia e da potencialidade dessa pesquisa, acompanhando a inserção da Psicanálise na universidade, mormente em nível de pós-graduação; de outro, seu objeto e seu método de investigação encontram-se cunhados desde sua fundação na clínica freudiana. A riqueza do método investigativo inaugurado por Freud oportuniza à Psicanálise estender-se a searas em que a escuta do singular remonta à clínica, mas não se limita ao seu setting tradicional. Em Freud, encontra-se o modelo de pesquisador psicanalítico, de maneira que, por meio do método de investigação por ele fundado, a pesquisa psicanalítica tem permitido que pesquisadores identificados com a prática de escuta do singular e transferenciados com o legado freudiano, teórico e técnico, possam produzir investigações e contribuir com o avanço do saber psicanalítico, por meio da proposição de produções teóricas, notadamente de cunho metapsicológico. Nesse sentido, apresenta-se como imprescindível a reflexão acerca de uma possível articulação entre três pilares que sustentam uma proposta de pesquisa psicanalítica, quais sejam, a caracterização do pesquisador psicanalítico, sua transferência com a Psicanálise e a produção de saber metapsicológico ancorada no espaço de orientação universitária. De acordo com tal proposta, o pesquisador psicanalítico, sustentado na transferência que mantêm com a Psicanálise, encontra no espaço de orientação a base de interlocução que lhe permite traduzir, via escrita do ensaio metapsicológico, o testemunho de uma investigação em forma de produção de um saber sempre singular.

Cristiano Dal Forno é doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia da PUCRS e professor Assistente do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Mônica Medeiros Kother Macedo é Professora Titular do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/PUCRS).

7. A psicanálise e o paradigma vigente: o lugar de uma ciência não-normal

Róger De Souza Michels (PUC-RS); *Marcela Gonçalves Freitas* (PUC-RS); *Raíssa Ramos Da Rosa*; (PUC-RS) *Mônica Medeiros Kother Macedo* (PUC-RS)

Resumo: No cenário acadêmico a Psicanálise é atravessada pelo contínuo tensionamento acerca de qual é efetivamente seu lugar diante de saberes que se apresentam mais adequados aos ideais empiristas de ciência. Por parte dos psicanalistas, não há consenso sobre que postura a Psicanálise deve adotar diante do saber científico contemporâneo, cada vez mais alicerçado nos modelos cartesiano e positivista. Opina-se, por um lado, que a Psicanálise deve abster-se da discussão científica, enquanto defende-se, por outro, que os discursos psicanalítico e científico estão historicamente enlaçados, uma vez que o objeto da Psicanálise seria o mesmo que a ciência busca obliterar. Tomando como base o modelo de revoluções científicas, desenvolvido por Thomas Kuhn, visa-se ampliar o debate em torno da posição ocupada pela Psicanálise no âmbito acadêmico. Entende-se que a Psicanálise tem o potencial, bem como o dever, de marcar seu lugar no cenário científico contemporâneo. Todavia, considerando sua teoria, seu método e sua concepção de humano, percebe-se que a Psicanálise não pode ocupar a posição de uma “ciência normal”, na terminologia de Kuhn. Enquanto alheia ao discurso de uma *weltanschauung*, a Psicanálise não se propõe a responder todas as demandas e tão pouco a ser indiscutivelmente aceita, tal qual a “ciência normal”, consonante com o paradigma. Dessa maneira, propõe-se que seu lugar é fora do paradigma, em contínua criação e participação na ampliação do conhecimento em torno do humano.

Róger De Souza Michels é mestrando em Psicologia Clínica e Bolsista CNPq do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. -

Marcela Gonçalves Freitas é bolsista de Iniciação Científica BPA no Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). -

Raíssa Ramos Da Rosa é Graduanda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). -

Mônica Medeiros Kother Macedo é Professora Titular do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS, coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/PUCRS).

8. A relevância da transmissão da pesquisa científica em psicanálise para alunos da graduação

Laura Carrasqueira Bechara (PUC-RS); *Rita Dambros Hentz* (USP); *Isis Grazielle Da Silva* (USP); *Enzo Cléto Pizzimenti* (USP)

Resumo: Uma vez que os programas de pós-graduação e os órgãos de fomento de pesquisa priorizam candidatos que tenham experiência junto à pesquisa científica, a fim de selecionar pesquisadores melhor preparados, questiona-se como se dá a transmissão da pesquisa em psicanálise para alunos da graduação. Constata-se, a partir do olhar dos autores enquanto recém-formados em Psicologia - graduados nas Universidades de diferentes locais do Brasil (MACKENZIE-SP, PUC-RS, UFC, UFU e USP) - um abismo tanto nas oportunidades oferecidas aos graduandos para que se envolvam com pesquisas quanto no que diz respeito à comunicação daquilo que se produz na pós-graduação. Posto isso, objetiva-se problematizar de que forma investe-se no aluno de graduação enquanto um pesquisador em potencial, dada a necessidade da psicanálise produzir pesquisa para fazer-se ciência viva. A aposta é que a transmissão do discurso da pesquisa acadêmica pode suscitar nos graduandos o interesse e a competência para que o ingresso na pós-graduação se dê de forma qualificada.

Laura Carrasqueira Bechara é mestranda em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Rita Dambros Hentz é mestranda em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.

Isis Grazielle Da Silva é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), desde mar/2017.

Enzo Cléto Pizzimenti é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

9. A técnica de horney – uma investigação acerca dos fins políticos da análise.

Patrícia Mafra De Amorim (USP); Heloísa Moura Bedê (UFMG)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo repensar o que o processo analítico, entendendo-o enquanto um poderoso dispositivo de subjetivação, tem a oferecer em termos de destinos políticos a seus pacientes. Acreditamos que para abordar um tema delicado como os objetivos da análise é necessário que um material exemplificativo seja exposto, o que nos propomos a fazer a partir da discussão detalhada das intervenções do analista em um caso clínico, de terapia psicanalítica de casal, publicado no *The American Journal of Psychoanalysis*. Levando em conta as críticas de Foucault em relação ao método psicanalítico apresentadas em *Hermenêutica do Sujeito*, nos propomos a analisar as técnicas horneyanas de tratamento psicanalítico, a fim de que se explicitem os direcionamentos políticos que o analista revela em suas intervenções a partir do entendimento laplancheano sobre a transferência e seu caráter transcendental. Sendo um caso de atendimento de um casal heterossexual, não podemos nos esquivar da discussão, ainda que breve, das questões de gênero que perpassam o trio durante o trabalho analítico.

Patrícia Mafra De Amorim é doutoranda em Psicologia Clínica no Programa de Pós Graduação da Universidade de São Paulo.

Heloísa Moura Bedê é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, na qual participa do grupo de Iniciação Científica "Psicanálise e Política". -

10. As contribuições de adolf grünbaum para o debate sobre a pesquisa clínica em psicanálise dentro e fora dos círculos psicanalíticos

Caio Padovan (UFRJ); Hugo Tannous Jorge (UFJF)

Resumo: Desde a sua fundação, a psicanálise buscou se organizar como uma disciplina científica, adotando um método particular de investigação e o objetivo de produzir conhecimento a partir da observação clínica. No entanto, esse método, assim como o conhecimento teórico e técnico por ele produzido, foram objeto de diversos questionamentos ao longo do século XX, dentre os quais se encontram aqueles formulados pelo filósofo estadunidense Adolf Grünbaum a respeito da validação do teste clínico de hipóteses causais em psicanálise. Considerando a atual relevância do debate sobre a pesquisa clínica em

psicanálise e o lugar de destaque ocupado pela crítica realizada pelo filósofo em questão, nosso objetivo nessa apresentação será de: (1) apresentar em linhas gerais as principais concepções de pesquisa vigentes no interior do movimento psicanalítico atual e (2) apresentar desde um ponto de vista histórico os principais questionamentos dirigidos por Grünbaum à pesquisa psicanalítica. Em conclusão, esboçaremos uma resposta às críticas realizadas pelo filósofo a partir de elementos trazidos por outros autores contemporâneos articulando-os às tendências emergentes de investigação em psicanálise.

Caio Padovan é doutorando em Psicanálise e Psicopatologia pela Université Paris Diderot - Sorbonne Paris Cité. Presidente da Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França (APEB-Fr). -

Hugo Tannous Jorge é doutorando em Psicologia também pela UFJF. Participante do Núcleo de História e Filosofia da Psicologia Wilhelm Wundt (NUHFIP).

11. Brasil: uma pátria sem pai? Declínio da função paterna e a cultura brasileira

Fernando Basso (UFRGS); *Amadeu De Oliveira Weinmann* (UFRGS)

Resumo: O Brasil, popularmente, teria obtido seu nome, oriundo da natureza, especificadamente, da árvore de cor rubra, a ibirapitanga, que foi a principal fonte de riqueza para os colonizadores europeus do século XVI. Nomeação nacional que revela o registro simbólico de uma cena fantasmática onde a mãe é representada como a terra generosa, dádiva dos trópicos, repleta de riqueza e dons e o pai é um explorador português que só pensa em fazer fortuna, para depois abandoná-la. Sigmund Freud escreve, em *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/2006), que para compreender a história de uma nação é preciso antes salientar que as lembranças dolorosas de um povo são facilmente esquecidas, apagando da memória social tudo o que for aflitivo para o sentimento nacional. A questão pretendida neste estudo é investigar interpretações psicanalíticas sobre a cultura brasileira. Por meio da leitura de distintos enunciados e textos psicanalíticos sobre o universo cultural do país, a pesquisa visa reconhecer traços inconscientes – reprimidos e apagados da história oficial – sobre o povo brasileiro. Pretende-se analisar especificadamente interpretações psicanalíticas que abordam a fraca legitimação social do lugar paterno e os efeitos no mal-estar na cultura, principalmente sobre o período colonial do país, pois tais construções teóricas são amplamente utilizadas para justificar a predominância da violência, do autoritarismo e da

perversão como marcas de identificação da cultura nacional. A partir da análise teórica de interpretações inspiradas em conceitos lacanianos formuladas por Charles Melman (1992/2000) – discurso do mestre –, Contardo Calligaris (1991) – traço unário – e Alfredo Jerusalinsky (1999a, 1999b, 2000) – nome-do-pai –, este estudo visa questionar a cadeia repetitiva de interpretações psicanalíticas sobre o declínio da função paterna e a falta de inscrição simbólica como forma predominante de representação do laço social no Brasil.

Fernando Basso é psicanalista. Membro discente e aluno do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura (UFRGS). Bolsista CAPES. Membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA). -

Amadeu De Oliveira Weinmann é Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia / UFRGS. Professor permanente do PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura / UFRGS. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Cinema (NUPPCINE). Membro do GT ANPEPP Psicopatologia e Psicanálise. Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF).

12. Clínica e pesquisa: quais as possibilidades metodológicas?

Rodrigo Traple Wiczorek (PUC-RS); *Carlos Henrique Kessler* (UFRGS)

Resumo: Nosso trabalho parte da sempre presente tensão entre psicanálise e universidade. Reconhecemos que a psicanálise já ocupa um espaço nas universidades brasileiras e atualmente estas sejam o ambiente em que muitos psicanalistas tiveram um primeiro contato com a teoria e a prática clínica orientada pela psicanálise. No entanto sabemos que entre as áreas de produção de conhecimento acadêmico a psicanálise não tem um lugar de fácil definição, ainda entendemos que internamente a psicanálise é habitada por diversas escolas com diferentes definições na teoria e na prática clínica. A partir desse debate, nos questionamos como a psicanálise produz conhecimento no campo acadêmico, especialmente quando envolve a prática clínica e sua metodologia onde coincidem pesquisa e tratamento. Para tanto, orientamos nossa investigação na busca de metodologias atuais de pesquisa que trabalhem com material clínico e a maneira como apresentam os efeitos da clínica psicanalítica. Delimitamos entre estas metodologias as orientadas pelos textos de Freud e Lacan. Destas, destacaram-se a construção do caso, a escrita do caso, o traço do caso e o fato clínico. Por se tratar de uma investigação decorrente de um mestrado em andamento nos limitaremos a tratar de considerações preliminares sobre essas metodologias. Até o momento

ressaltamos que essas metodologias propõem uma redução da descrição do material clínico incluindo a dimensão da perda, a implicação do psicanalista/pesquisador na apresentação desse material e a constante tensão entre clínica e teoria que podem resultar em atualizações da psicanálise.

Rodrigo Traple Wiczorek é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura na Universidade Federal do Rio Grande do sul. -

Carlos Henrique Kessler é Professor Adjunto do Instituto de Psicologia, do Programa de Pós Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e Diretor da Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

13. Da inestética como mediadora para o diálogo transdisciplinar entre arte e psicanálise: contribuições de alain badiou.

Mariana Rodrigues Festucci Ferreira (PUCSP)

Resumo: Encetar interlocuções entre Arte e Psicanálise não é algo fácil, uma vez que implica o risco de tomar as partes envolvidas como mero objeto enquadrado, reduzido e/ou subjugado, quando cada qual possui suas especificidades e autonomia. Embora pareça difícil estabelecer interlocuções não reducionistas, tanto artistas quanto psicanalistas já se lançaram nesta empreitada, haja vista os trabalhos de Sigmund Freud, Jacques Lacan e do movimento surrealista, só para citar alguns exemplos. Fulgêncio (2013) nos lembra que quando Freud recorre à Arte, seja a Gradiva de Jensen ou Leonardo da Vinci, dentre outros, ele o faz não para discorrer sobre o que seria uma obra de Arte, mas para esclarecer algum aspecto do psiquismo, posição a qual encontramos ressonâncias no conceito de inconsciente estético formalizado por Ranciere (2009). Cabe estabelecer, quando tal diálogo transdisciplinar é encetado, “o quadro teórico a partir do qual o objeto escolhido será analisado; em segundo, esclarecer qual o problema que se procura elucidar” (Fulgêncio, 2013, p. 59). Dada as dificuldades e/ou riscos em se estabelecer diálogos, porquê representantes de destaque tanto da Psicanálise quanto da Arte investiram na empreitada? Para nos auxiliar nesta questão, nos voltamos para um fragmento do livro Mito de Sísifo escrito por Camus (2013, p.43): "Talvez nunca tenham existido espíritos tão diferentes. Mas, apesar disso, reconhecemos como idênticas às paisagens espirituais por onde transitam. Do mesmo modo, o grito que culmina seu itinerário através de ciências tão diferentes [...]. Pode-se dizer que há um ambiente comum aos espíritos que acabamos de recordar". A partir do exposto, esta comunicação se

propõe a pensar os desafios implicados no diálogo transdisciplinar entre Arte e Psicanálise a partir da Inestética desenvolvida pelo filósofo Alain Badiou. De acordo com Badiou (2002) se o conhecimento psicanalítico é aplicado à Arte, tomando-a como objeto, estabelece-se uma relação na qual apenas a Psicanálise sai ganhando – a última apodera-se gratuitamente do que é fornecido pela primeira. Tal procedimento não lhe parece apropriado, pois a Arte, que por si mesma descortina verdades, não pode ser reduzida a um mero objeto. Badiou (2002) expõe então a Inestética como modelo para o bom diálogo com a Arte, que parte da sua área de conhecimento (a Filosofia) em direção à Arte, visando descrever “os efeitos estritamente intrafilosóficos produzidos pela existência independente de algumas obras de Arte” (p. 9); tal modelo, a seu ver, se opõe a qualquer objetificação ou reflexão puramente estética. Para exemplificar a tensão que envolve o diálogo entre os diversos campos do saber com a Arte, Badiou (2002, p.11) recorre a uma “matriz analógica de sentido” – a relação entre o “mestre e a histórica” tal como é descrita por Lacan: a histórica ao falar faz deslizar por sua boca uma verdade e supõe que o mestre detenha um saber a respeito dela, por isso o desafia a lhe dar um parecer. Por mais perspicaz que seja o parecer do mestre, para a histórica ele não passa de uma frágil aproximação, o que a deixa profundamente insatisfeita ao mesmo tempo em que a faz pôr em xeque a posição do mestre. Uma vez que a Arte não pode ser reduzida pelos outros campos de conhecimento, ou seja, por qualquer categoria fragmentada de verdade, de que forma pode então a Arte nos transmitir algo? Badiou (2002) responde de maneira precisa: “a coisa pela qual a Arte educa é simplesmente a sua existência. Trata-se apenas de encontrar essa existência” (p.21), ou seja, de tomar contato com ela, e para tal, tanto a Psicanálise, a Filosofia ou quaisquer outras teorias podem servir apenas de alcoviteiras – instiguem um encontro, nunca pretendendo fazer uma mostra completa, o que corromperia o mistério. É de Mallarmé a crítica ao movimento dos poetas parnasianos que pretendiam tudo enquadrarem com suas combinações de palavras. Mallarmé, observa Badiou (2002), “funda uma ética do mistério que é o respeito, pelo poder de uma verdade, de seu ponto de impotência” (p.38), ponto que não é assimilado pelas ciências em geral. A esse respeito diz Lacan no texto *Lituraterra* (1971/2003): “Quando invoco as Luzes, é por demonstrar onde ela faz furo. Já se sabe há muito: nada é mais importante na óptica, e a mais recente física do fóton mune-se disso” (p.17). Quando Lacan alude às luzes científicas o faz justamente para evidenciar o que elas deixam descoberto. É de suma importância que, para além do estabelecimento forçoso de relações ente os dois campos, tente-se ao menos marcar algo que ambos exploram de modos distintos. O sujeito está no centro da Arte, seja enquanto artista ou

espectador, assim como está no centro da Psicanálise. Ao sujeito cabem desejos, angústia e a submissão ao inconsciente, bem como lhe ocorre ocasiões em que é assaltado por um estranhamento que desaloja o eu de seu frágil núcleo identificatório; ao sujeito desvanecente pode lhe restar apenas o grito. Tal grito a todo o momento emerge tanto da Arte quanto da Psicanálise. E é do grito e do emissor desse grito que o mais ancestral dos saberes primordialmente se ocupou. Assim, julgamos enriquecedor pensar no (im)possível diálogo entre a Arte e a Psicanálise a partir da Inestética.

Mariana Rodrigues Festucci Ferreira é doutoranda em Psicologia clínica pela USP, onde é bolsista CNPQ.

14. Desconstrução: reflexões acerca da metodologia de pesquisa e de leitura

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); *Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza* (UFAL); *Marina De Lima Nemesio* (UFAL); *Rayanne Caroline Da Silva Amorim* (UFAL); *Valesca Lidiane Dos Santos* (UFAL); *Charles Elias Lang* (UFAL)

Resumo: O presente trabalho tem como foco a discussão acerca da metodologia de pesquisa e leitura em psicanálise. Em Gramatologia (1967/2004), Jacques Derrida aprofunda o uso do termo “desconstrução” - utilizado em sua Introdução à geometria de Husserl e tomado emprestado da área da arquitetura. Em sua perspectiva, a desconstrução é uma análise de componentes textuais que visa construir e reconstruir novos sentidos através dos elementos que estão presentes no texto. A metodologia desconstrutiva de leitura possui uma forma singular de abordar o sentido e a diferença do texto. O objetivo do leitor não será procurar um sentido transcendente à obra, mas construir novos contextos capazes de dar sentido a novos elementos, em determinado contexto. Baseando-se nos trabalhos de Lang e Barbosa (2012; 2015), Figueiredo (1999) e Derrida (1967/2004; 1972/2005), busca-se discutir sobre como a pesquisa teórica freqüentemente subestima ou exclui a apresentação da metodologia e dos modos de leitura de orientação da pesquisa.

Ana Carolina Do Rosário Correia é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL).

Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) "A agressividade e violência nos textos do Jovem Lacan". Membro do grupo de pesquisa Psicanálise, Clínica e Contemporaneidade (IP/UFAL, Maceió, AL).

Marina De Lima Nemesio é Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFAL).

Rayanne Caroline Da Silva Amorim é Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFAL).

Valesca Lidiane Dos Santos é graduada em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC -CNPq).

Charles Elias Lang é doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2002. professor associado (Nível II) e professor permanente no Programa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL, Maceió, AL).

15. Do enunciado à enunciação: ressonâncias entre a interpretação talmúdica e a psicanalítica.

Mariana Rodrigues Festucci Ferreira (PUCSP); *João Ezequiel Grecco* (PUCSP)

Resumo: No prefácio à edição hebraica de Totem e tabu, acreditando que seria difícil a quaisquer de seus leitores se situarem na condição afetiva de seu autor, Freud (1912-13/2012) pontua que “jamais negou a vinculação a seu povo, sente sua particularidade de judeu e não deseja que ela mude. Se lhe perguntarem: “O que ainda resta de judeu (...)?”, (...) responderá: “Muita coisa ainda, talvez o principal” (p. 17). Defendemos que, para além do judaísmo (conjunto de práticas culturais e religiosas), conforme defende Fuks (2000), Freud preservava sua judeidade (vivência de ser judeu, processo em devir) e que esta ecoou na Psicanálise através de dois pontos essenciais: na obstinação de seu fundador em defender suas posições teóricas inovadoras (o homem não ser mais o centro de si mesmo, sexualidade infantil, dentre outras) em oposição ao saber médico e moral vitoriana vigentes – conforme salienta o próprio

Freud (1941 [1926] /1996): "Por ser judeu encontrei-me livre de muitos preconceitos que restringiam outros no uso de seu intelecto, e como judeu estava preparado para aliar-me à Oposição e passar sem consenso à 'maioria compacta' (s/p) – ; e no método de interpretação semelhante a interpretação talmúdica do texto sagrado – processo onde o significado não está fixado na letra sendo reescrito sucessivamente por cada leitor que alia a sua subjetividade à tradição dialeticamente. Freud, tanto na escuta de seus analisandos quanto na formulação de suas bases teóricas a partir da interlocução com outros saberes não se detinha ao enunciado dado, conduzindo a partir destes desdobramentos, conforme notara Abraham (1907-1925/2001), que ao ler Os chistes em sua relação com o inconsciente, confidenciou em carta a Freud que considerava toda a técnica e composição do livro essencialmente talmúdica. Pretendemos, portanto, neste trabalho destacar as ressonâncias da interpretação talmúdica no método de interpretação psicanalítico freudo- lacaniano (atento as enunciações contidas nos enunciados e aberto à pluralidade de sentidos em constante devir), sem contudo, estabelecer com isso relações causais. Para tanto partiremos das considerações já desenvolvidas sobre a temática por Mezan (1987), Fuks (2000) e Aidé (2005) e passaremos a contextualização da interpretação talmúdica a partir de Salfati (2006), e da interpretação psicanalítica a partir do texto de Freud A negação, dos textos de Lacan A direção do tratamento e os princípios de seu poder e O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada, finalizando com o relato de uma analisanda de Lacan contido em Miller (2011). Visamos assim ratificar o caráter transdisciplinar do método psicanalítico e no que ele contribui para a acuidade da prática clínica.

Mariana Rodrigues Festucci Ferreira é Doutoranda em Psicologia clínica pela USP, onde é bolsista CNPQ.

João Ezequiel Grecco é Professor e supervisor clínico no Centro Universitário Anhanguera de Santo André. Professor no Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP). Doutor em Psicologia social pela PUCSP. -

16. Dos honorários do analista ao atendimento psicanalítico gratuito: considerações sobre as “clínicas gratuitas” de psicanálise

Luiz Eduardo De Vasconcelos Moreira (IPUSP); Daniel Kupermann (IPUSP)

Resumo: Em 1913, nas suas famosas Ratschlage, Freud é taxativo ao afirmar que um analista não deve aceitar conduzir análises gratuitas, dando como exemplo os casos que atendeu desta forma (para estudar, com o mínimo de resistência, os fenômenos neuróticos) e que fracassaram. É surpreendente, pois, que apenas cinco anos depois, no 5o Congresso Psicanalítico Internacional, Freud tenha lido uma comunicação em que propõe justamente o contrário: enquanto o Estado não se responsabilizar pela saúde psíquica da população do mesmo modo que o faz com relação à saúde física, caberia à comunidade psicanalítica se organizar para ajudar a mitigar a miséria neurótica que aflige boa parte da população, inclusive aquela que não pode arcar com os caros honorários de um tratamento psicanalítico. Um dos efeitos dessa proposta freudiana foi o que podemos caracterizar como um movimento de fundação das “clínicas gratuitas” de psicanálise, cujas consequências técnicas, políticas e institucionais ainda não foram completamente articuladas. O objetivo do presente trabalho é, assim, ao examinar a década de 1910 na história do movimento psicanalítico, duplo: 1) compreender o que estava em jogo na mudança de posicionamento de Freud e, assim, 2) ter subsídios para um maior entendimento da importância das “clínicas gratuitas” no movimento psicanalítico.

Luiz Eduardo De Vasconcelos Moreira é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. luizevm@gmail.com

Daniel Kupermann é Professor Doutor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). Coordenador do psiA - Laboratório de pesquisas e intervenções psicanalíticas.

17. Encontro entre teoria e clínica psicanalítica no âmbito de uma pesquisa vinculada à universidade

Tatiana Fagundes Audino (UFRJ); Stephanie Soares Brum (UFRJ)

Resumo: A pesquisa clínica em psicanálise constitui-se em uma problemática para o âmbito acadêmico, na medida em que esbarra em algumas dificuldades metodológicas e teóricas. Roussillon (2014) aponta como central o fato de que a psicanálise, quando em comparação com a física, por exemplo, não conquistou sua independência em relação a seus grandes fundadores e que sob seu ponto de vista, para se fazer pesquisa, é preciso tanto estar em conexão com o pensamento de cada um; como também é imprescindível poder pensar com certa independência deles. No presente trabalho, nossa proposta consiste em apresentar alguns pontos que foram aparecendo como desafios ao longo das discussões de nosso grupo de pesquisa - NEPECC (Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade). Nesse ínterim, nos colocamos algumas questões capazes de nos fazer problematizar para melhor nos desembaraçar desses impasses que foram se impondo com o desenvolvimento da pesquisa. Dentre elas, sublinhamos as seguintes indagações: Quais os objetivos de uma supervisão realizada em grupo? A partir desse formato, como podemos pensar a relação entre analista e analisando? E ainda, qual o melhor método para descrever/ relatar o caso clínico nesse âmbito? Com o objetivo de propiciar maior compreensão a cerca dos três pontos selecionados para a apresentação deste trabalho, consideramos fundamental expor a metodologia que viemos utilizando até o presente momento através de algumas vinhetas clínicas de casos acompanhados pela pesquisa nos últimos anos e que foram nos fornecendo uma especificidade muito rica de materiais, os quais tem nos possibilitado ampliar o escopo de nossas discussões e elaborações em torno da pesquisa clínica em psicanálise.

Tatiana Fagundes Audino é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Stephanie Soares Brum é mestranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

18. Ensaio como modalidade acadêmico-científica para a psicanálise

Estanislau Alves Da Silva Filho (CWSP)

Resumo: O ensaio como modalidade de pesquisa acadêmica ainda é parcamente utilizado no âmbito universitário, especialmente em pesquisas em psicanálise. Ainda assim, por suas qualidades flexíveis e de aberturas temporais não-necessariamente determinísticas, seu rigor conceitual e postura obrigatoriamente 'ética' - já que implica em ser realmente composto de seu autor -, parece incorrer no veículo mais adequado para uma pesquisa em psicanálise que, como é de se esperar, não pode deixar de ter efeitos sobre aquele que a realiza.

Estanislau Alves Da Silva Filho é Psicanalista, com aperfeiçoamento em Fundamentos da Psicanálise no Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, e formações complementares no Centro Winnicott de São Paulo e no Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a). -

34. Entre ser e ter uma deficiência: um estudo sobre as identificações

Diego Rodrigues Silva (IPUSP); Eliana Herzberg (IPUSP)

Resumo: Em documentário, Sunaura Taylor, pintora e ativista americana; cadeirante devido à deficiência física ocasionada por antrogiopose congênita, narra o desconforto acerca do modo pelo qual as pessoas a olham utilizando o corpo de formas não usuais em atividades cotidianas, assim como o que falam sobre. Este e outros relatos presentes na literatura apontam para os desdobramentos das reações frente à deficiência. O exemplo remete a uma discussão acerca do olhar e ser olhado e seus efeitos no narcisismo. Assim, este trabalho discute o sentimento de inadequação da pessoa com deficiência. De Freud à Lacan o conceito de narcisismo remete à formação do eu, bem como os processos de identificação à imagens e palavras advindas do Outro. Pelos conceitos de ideal de eu e eu ideal, compreende-se que se prefiguram modelos imaginários e simbólicos de organização, uma regulação em uma forma unificada e um ordenamento pelo laço social, respectivamente. Destas imagens e sentidos atribuídos à deficiência pelo social encontram-se descritos na literatura as concepções de estranho e incapaz, da deficiência como doença ou castigo e referências a seres imaginários (como o Saci Pererê), frutos da história e do modo pelo qual foram sendo construídos sentidos para os corpos diferentes que se apresentam. Deste modo, propõem-se que sujeitos com deficiência possam, em algum momento, dentre as inúmeras possibilidades, assumir o lugar

de "deficiente" e seus respectivos sentidos por meio da identificação, levando-os a responder e agir a partir deste modelo. Conclui-se que os sentimentos de inadequação perpassam esta dimensão imaginária de se ver sendo visto como "deficiente" pelo olhar do Outro. Dada a função de representação para o Outro e unificação do eu, tratam-se de momentos em que se deixa de ter uma deficiência para sê-la, enquanto uma forma que lhe dá sentido e o organiza, ainda que possa trazer sofrimento. Palavras-chave: Deficiente físico; Narcisismo

Diego Rodrigues Silva é Mestrando em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). - silva.diego@usp.br

Eliana Herzberg é livre-docente (2007) pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Professora Associada do Departamento de Psicologia Clínica no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

19. Imbricações entre pensamento e objeto no método de laplanche

Jhonatan Jeison De Miranda (UFMG)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo investigar a sobreposição entre pensamento e objeto no método de pesquisa desenvolvido por Jean Laplanche a partir suas primeiras elaborações e exposições do tema. Tal método passou a ser mais comumente denominado como o "fazer trabalhar a psicanálise" ou, mais especificamente, "fazer trabalhar Freud" e "interpretar Freud com Freud". Sua caracterização geral consiste no uso das ferramentas interpretativas e conceitos psicanalíticos concernentes à clínica e à metapsicologia presentes na obra freudiana para realizar a interpretação dessa mesma obra.

É possível encontrar textos metodológicos de Laplanche desde suas primeiras publicações às últimas. Temos como hipótese de fundo – a ser parcialmente trabalhada neste texto – que Laplanche pôde precisar certos direcionamentos em sua fundamentação metodológica a medida que desenvolveu de forma mais acabada seu próprio sistema teórico, a Teoria da Sedução Generalizada (TSG), no fim da década de 1980 e nos anos seguintes. O período que estamos considerando como inicial (1960-70) reúne os textos após o Colóquio de Bonneval, de 1959, conhecido por ter marcado uma certa ruptura entre Laplanche e Lacan, até a publicação de *Vida e Morte em Psicanálise* (1970-71/1985) e dos cursos que deram origem às suas quatro primeiras "Problemáticas", ministrados ao longo da década de 1970.

Embasando-nos no próprio método laplancheano, optamos por circunscrever a investigação a tal período anterior à TSG por compreendermos que seu pensamento passou a servir também a exigências oriundas da sustentação de seu próprio sistema teórico, as quais ou eram inexistentes ou se presentificavam de outras formas em seus textos iniciais.

Em "Interpretar [com] Freud" (1968/1988), Laplanche descreve seu método enfatizando seu aspecto desconstrutivo, analítico por excelência, na medida que visa dismantelar o texto manifesto, ou seja, a produção bibliográfica propriamente dita de um autor tomada em seu conjunto, de forma a fazer emergir os conteúdos latentes daquele pensamento. Tal perspectiva só se fundamenta a partir da imbricação que Laplanche faz entre pensamento e objeto. Como dirá em *Vida e Morte em Psicanálise* (Laplanche, 1970-71/1985), as contradições do pensamento e as contradições do objeto são inseparáveis. Essa ideia se tornará mais expressiva e conhecida a partir de textos mais tardios onde o autor afirma que a teórico-gênese reproduz a ontogênese (Laplanche, 1987/1992). Tendo em vista essa sobreposição pensamento-objeto, questionamos o autor: a articulação entre pensamento e objeto requer que se recorra ao modo que o objeto afeta o autor que o pensa? O que dá base para a passagem do método clínico para a investigação do texto teórico? Trabalharemos em cima de tais perguntas explorando a noção de "exigência", recorrente na bibliografia levantada, e as oscilações de Laplanche na aplicação de seu método.

Jhonatan Jeison De Miranda é mestrando em Psicologia também pela UFMG com pesquisas focadas na investigação de conceitos da psicanálise de Jean Laplanche.

20. Jacques lacan e jacques derrida: aproximações

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); *Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza* (UFAL); *Marina De Lima Nemesio* (UFAL); *Rayanne Caroline Da Silva Amorim* (UFAL); *Valesca Lidiane Dos Santos* (UFAL); *Charles Elias Lang* (UFAL)

Resumo: Lacan redireciona a psicanálise à uma visão mais matematizada de ciência, importando conceitos de outros campos do saber, entre eles a linguística. Isso o possibilitou a teorizar uma epistemologia em que o conceito freudiano de Inconsciente pode ser entendido como uma estrutura de signos em uma cadeia significante: o inconsciente estruturado como linguagem. Entre os conceitos que se apropriou, está o de significante, significado e de signo de Saussure. Adaptou-os à sua teoria e se diferenciou de Saussure em alguns pontos, como ao

não reconhecer uma relação direta entre significante e significado. Ao colocar o significante enquanto um non sense - sem significado puro e/ou significando qualquer coisa -, Lacan retira a noção de que há um significado único e próprio para o significante. Através dessa perspectiva lacaniana, é impossível pensar em uma leitura que escape da interpretação e da implicação do sujeito com a verdade. Aqui, o sujeito tem um lugar na estrutura do discurso, o que foge à noção de neutralidade do discurso. O pensamento de Lacan conversa com a desconstrução derridiana em alguns elementos, tal como: Lacan, ao negar que há um significado próprio para o significante, parece concordar com a noção de Derrida de que não há um sentido único em uma obra; ao situar o sujeito em um lugar na estrutura do discurso, Lacan dialoga com Derrida no sentido de que o leitor será levado em consideração no processo de ler e escrever. Pensando nisso, propõe-se analisar as semelhanças entre Jacques Lacan e Derrida, investigando a possibilidade da desconstrução derridiana enquanto estratégia para a pesquisa em psicanálise.

Ana Carolina Do Rosário Correia é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL).

Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) "A agressividade e violência nos textos do Jovem Lacan". Membro do grupo de pesquisa Psicanálise, Clínica e Contemporaneidade (IP/UFAL, Maceió, AL).

Marina De Lima Nemesio é Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFAL).

Rayanne Caroline Da Silva Amorim é Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFAL).

Valesca Lidiane Dos Santos é graduada em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC -CNpq).

Charles Elias Lang é doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2002. professor associado (Nível II) e professor permanente no Programa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL, Maceió, AL).

21. Leitura desconstrutiva e pesquisa psicanalítica

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Héli da Vieira Da Silva Xavier (UFAL)

Resumo: Como proposto por Derrida, a *déconstruction* não dispõe de uma significação clara e unívoca; contudo, enfatiza que não se resume a uma crítica, um conceito ou uma análise. Igualmente, não se refere apenas a uma instrumentalidade metodológica para o trabalho com textos. A atitude filosófica desconstrutiva visa à decomposição, à des sedimentação dos discursos da filosofia, da história, da literatura, da psicanálise; revelando seus pressupostos, ambiguidades, contradições, tendo em vista a possibilidade de reconstruí-lo e, por conseguinte, de ampliar seus limiares semânticos. Nesta comunicação, pretende-se explorar alguns aspectos históricos da psicanálise, de modo a afirmar as possibilidades de utilização de uma estratégia de leitura desconstrutiva de textos psicanalíticos. Espera-se fornecer elementos argumentativos que justifiquem a compreensão do “retorno a Freud” empreendido por Lacan lido enquanto um movimento de desconstrução da psicanálise freudiana.

Ana Carolina Do Rosário Correia é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL).

Héli da Vieira Da Silva Xavier é mestre em Psicologia - Universidade Federal de Alagoas/UFAL (2017). Especialista em Problemas do Desenvolvimento na Infância e Adolescência - Centro Lydia Coriat de Porto Alegre (2017).

22. Musicalidade e psicanálise: a linguagem musical no autismo e na psicose

Bruno Gonçalves Dos Santos (UNESP)

Resumo: A presente pesquisa parte da psicanálise como campo teórico, mais especificamente das contribuições de Lacan em seu último ensino, para discorrer sobre a musicalidade e suas implicações na constituição do sujeito, desdobrando a possibilidade da legitimação de sujeitos autistas e psicóticos no laço social através da musicalização como meio intervenção. Fundamentando o conceito de musicalidade através da relação primordial entre significante sonoro e Real afônico e o que tange o significante no Real, discorreremos sobre a anterioridade do som aos processos de vocalização e significação, tal como a fala. A manifestação musical estaria no campo da enunciação enquanto ato, e não do enunciado, estabelecendo novas vias

para a mediação das psicoses e do autismo frente ao laço social. O conceito de Real em Lacan nos é tomado e discutido na relação de constituição de linguagem, assim como sua relação com a forclusão e elisão, mecanismos de defesa psíquico da condição psicótica e autística, respectivamente. A musicalidade é tomada pela leitura psicanalítica no que tange as relações de estruturação psíquica e produção de subjetividade no meio sonoro/acústico. Por fim, a pesquisa tem se direcionado em apontar a música como fenômeno anterior à própria complexificação da linguagem, onde os mecanismos de linguagem, como metáfora/metonímia e diacronia/sincronia, acontecem, porém por vias ainda antecedentes ao estofamento da significação e constituição da barra imaginária. A musicalidade estaria em uma relação significante que não exclui o non-sens, ainda que lhe possa ser atribuída diversos sentidos. O que daí discorre é que tanto a psicose como o autismo poderiam ser legitimados no laço social mesmo que não vinculem a significação de seu discurso musical, necessariamente. Palavras-chave: Musicalidade; Psicanálise; Psicose; Autismo.

Bruno Gonçalves Dos Santos é doutorando em Atenção Psicossocial e Políticas Públicas pela Universidade Estadual Paulista - UNESP.

23. O que repele por sua natureza é demasiado familiar”: o conceito de *unheimlich* na teoria psicanalítica e sua importância na análise do fascismo

Rafael Da Silva Shirakava (UNESP)

Resumo: O presente trabalho parte do campo teórico da psicanálise freudiana para entendermos a problemática do fascismo, principalmente no que diz respeito ao conceito de *Unheimlich* (que pode ser traduzido como estranho, sinistro, assustador, contudo um *estranho* que não é alheio, mas simultaneamente *familiar*). Tal categoria possui grande relevância para o estudo do fascismo uma vez que ela diz respeito à uma reação dos sujeitos diante daquilo que é diferente, que “escapa à norma”, de algo estranho, que “repele por sua natureza” e que, na verdade, “é demasiado familiar”. Freud, nesse sentido, nos mostra como o fascismo possui um lado subjetivo, psíquico, na medida em que ele formula sobre a impossibilidade de amarmos alguém com que não nos identificamos e sobre a psicologia grupal, isto é, o modo de funcionamento psíquico dos sujeitos imersos em grupos. Tais formulações também são abordadas pela Teoria Crítica, principalmente pelos teóricos Theodor Adorno e Max Horkheimer, em seus ensaios de psicologia social, estudos da personalidade autoritária, crítica

à ideologia e panfletagem fascistas nas décadas de 40 e 50 nos Estados Unidos. Dessa forma, buscamos articular o conceito de *Unheimlich* (estranho) na tentativa de compreender sua emergência tanto psíquica quanto política, na tentativa de situarmos o problema para discutirmos possibilidades de dissolução da figura de estranheza e possíveis intervenções para o problema.

Rafael Da Silva Shirakava é aluno da linha 1 (Atenção psicossocial e políticas públicas) do programa de pós-graduação em psicologia da Unesp de Assis ("Psicologia e sociedade")

24. Pesquisa em psicanálise: uma revisão sistemática

Davisson Gonçalves Giaretta (PUCRS); *Alexandra Garcia Grigorieff* (PUCRS); *Mariana Machado Felin* (PUCRS); *Elisa Cainelli Andreola* (PUCRS); *Isadora Brauveres Correa Colombo* (PUCRS); *Mônica Medeiros Kother Macedo* (PUCRS)

Resumo: O presente estudo buscou acessar artigos científicos resultantes de pesquisa em Psicanálise e identificar os métodos de análise dos dados empregados nas pesquisas empíricas. Para tanto, foi conduzida uma revisão sistemática nas bases Scopus, Lilacs e Scielo, utilizando as palavras-chave “psychoanalysis” e “research”. Os critérios de inclusão foram: artigos compreendidos entre os anos de 2013 e 2017, publicados em português, inglês ou espanhol. Inicialmente foram identificados 135 artigos, sendo Scopus (75), Lilacs (7) e SciELO (53). Desses, 30 foram excluídos por repetição e 13, por não usar o referencial psicanalítico na discussão dos dados obtidos. Resultaram, assim, em 92 artigos, sendo 69 teóricos e revisões de literatura, 7 artigos metodológicos, 7 estudos de caso e 9 artigos empíricos. Os relatos de pesquisa empírica consistem em estudos qualitativos que recorrem à Psicanálise como teoria de discussão dos achados. No que tange ao método de análise dos dados, os artigos utilizaram Análise Interpretativa (1); Análise de Conteúdo de Bardin (2); Método Psicanalítico (1), e sendo que cinco artigos referem ter analisado os dados a partir da Psicanálise. Constata-se, portanto, um relevante número de estudos que tem a Psicanálise como fundamento; entretanto, observam-se, nos estudos indexados às referidas bases, escassas publicações sobre pesquisas empíricas em Psicanálise.

Davisson Gonçalves Giaretta é Mestrando em Psicologia Clínica e bolsista CAPES do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) no curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS. -

Alexandra Garcia Grigorieff é Mestranda em Psicologia Clínica e Bolsista CNPq do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) do curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS. -

Mariana Machado Felin é Bolsista de Iniciação Científica CNPq do Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Elisa Cainelli Andreola é Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS do Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Isadora Brauveres Correa Colombo é Bolsista de Iniciação Científica BPA do Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Mônica Medeiros Kother Macedo é doutora em Psicologia (PUCRS). Professora Titular do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/PUCRS).

25. Pesquisas psicanalíticas sobre a identificação precoce de sinais de risco psíquico:

algumas controvérsias

Kelly Cristina Brandão Da Silva (UNICAMP)

Resumo: Esse trabalho objetiva problematizar pesquisas psicanalíticas recentes, no Brasil e na França, que culminaram nos instrumentos Protocolo IRDI e Questionário Preaut, os quais preconizam a identificação precoce de sinais de risco psíquico, no que tange a temas controversos na tradição psicanalítica, tais como prevenção, capacitação e implementação de políticas públicas. O Protocolo IRDI, utilizado na faixa etária de 0 a 18 meses, é resultado de uma pesquisa multicêntrica realizada por psicanalistas brasileiros entre 2000 e 2008, e tem por objetivo prever problemas de desenvolvimento e também de risco psíquico para a constituição subjetiva. Um desdobramento dessa pesquisa é a Metodologia IRDI nas creches, a qual pressupõe formação e acompanhamento em serviço de professoras de educação infantil baseados no instrumento IRDI, buscando contribuir para a diminuição da incidência de

problemas de desenvolvimento psíquico posteriores. Cabe ainda destacar que, em decisão recente, em final de março do ano corrente, o Plenário da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 5501/13, do Senado, que muda o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) para obrigar o Sistema Único de Saúde (SUS) a adotar protocolo com padrões para a avaliação de riscos ao desenvolvimento psíquico das crianças. A matéria será enviada à sanção presidencial. Em 1988, na França, psicanalistas fundaram a Associação PREAUT, com o objetivo de capacitar profissionais da primeira infância a identificar sinais de risco para autismo. Em 2012, foi validado o instrumento Questionário Preaut, o qual prevê a avaliação de bebês aos 4 e aos 9 meses, com o objetivo de detecção de risco de evolução para o autismo. A partir de 2005, o Projeto PREAUT passou a desenvolver programas associados a outros países, como a Inglaterra, a Argentina e o Brasil. A temática da prevenção é uma demanda insistente no corpo social. No campo da Saúde Mental, ainda é problemática a hipótese da prevenção, pois o limiar entre a possibilidade de uma intervenção a tempo e o recrudescimento de posições higienistas é tênue. É fato que impasses relativos à constituição subjetiva remontam aos primeiros tempos de vida do bebê, sendo extremamente oportuno que uma intervenção precoce seja efetivada antes que quadros psicopatológicos complexos se instalem. A partir de evidências de que há um período sensível para a neuroplasticidade, a premência de pesquisas relativas à primeira infância é inquestionável. Todavia, a partir da ética psicanalítica, faz-se necessário manter viva a capacidade de interrogar. Quais as implicações da transmutação da talking cure em indicadores clínicos observáveis? Da atenção flutuante ao olhar atento: o que muda? Se a psicanálise aposta, no início do tratamento, na histericização do discurso, a partir de uma queixa, o que entra em cena quando a intervenção, dita precoce, se antecipa a qualquer queixa? O que se transmite, quando se oferta a não analistas capacitação para a utilização dos instrumentos supracitados? Quais seriam os efeitos iatrogênicos de se transmutar, no campo social, a hipótese de detecção de riscos psíquicos para a ideia de diagnóstico precoce do autismo, como tem sido propagandeada a possibilidade de implementação de política pública a partir do PL 5501/13? Essas controversas questões insistem e são imprescindíveis para que instrumentos construídos a partir da práxis psicanalítica não se tornem, em uma lógica capitalista, em meros gadgets de consumo rápido.

Kelly Cristina Brandão Da Silva é professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas (DDHR/FCM).

26. Por que a desconstrução seria um método de leitura rigoroso?

Ana Carolina Do Rosário Correia (UFAL); Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza (UFAL); Marina De Lima Nemesio (UFAL); Rayanne Caroline Da Silva Amorim (UFAL); Valesca Lidiane Dos Santos (UFAL); Charles Elias Lang (UFAL)

Resumo: Em seu livro “Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi”, Figueiredo parte de uma leitura desconstrutiva sobre a teoria das pulsões de Freud, considerando-as obras difíceis e que merecem uma leitura rigorosa. Parte-se da consideração de que no modo de pesquisa em psicanálise, por ter um caráter clínico, necessita de um método de leitura rigoroso; as leituras feitas em pesquisas na psicanálise não são aleatórias ou baseadas no senso comum. Com base nisso, o presente trabalho parte da seguinte questão: por que a desconstrução é um método de leitura rigoroso? Há pressupostos que norteiam qualquer forma de leitura. Uma delas é a leitura próxima, atenta e desconstrutiva, defendida por Figueiredo. Por isso, ele faz essas leituras para tentar desconstruir as teses já aceitas como únicas, interpretando uma outra lógica que passa despercebida e que não foi considerada suficiente para elaborar uma grande tese, como por exemplo, a tese sobre a dualidade das pulsões. Na leitura clássica, parte-se da premissa de que existe uma intenção, que através da escrita e de modo consciente o autor consegue transmitir suas ideias. Já o leitor, segundo essa concepção, estaria apto a interpretar de maneira idêntica qualquer outra interpretação possível. Figueiredo aponta que nas leituras sistemáticas há uma compulsão à repetição, o que deixa as interpretações engessadas e fadadas a uma leitura única relacionado à pulsão de morte.

Ana Carolina Do Rosário Correia é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL).

Ana Flávia Roxsany Calheiros Souza é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) "A agressividade e violência nos textos do Jovem Lacan". Membro do grupo de pesquisa Psicanálise, Clínica e Contemporaneidade (IP/UFAL, Maceió, AL).

Marina De Lima Nemesio é Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Colaboradora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFAL).

Rayanne Caroline Da Silva Amorim é Graduada em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFAL).

Valesca Lidiane Dos Santos é graduada em Psicologia na Universidade Federal de Alagoas, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC -CNPq).

Charles Elias Lang é doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2002. professor associado (Nível II) e professor permanente no Programa de mestrado em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL, Maceió, AL).

27. Psicanálise crítica: implicações sócio-políticas da escuta do sofrimento psíquico

Priscilla Melo Ribeiro De Lima (UFG); *Sostenes Cezar De Lima* (UEG)

Resumo: O processo de constituição do psiquismo é perpassado por diversos discursos identificantes que vão modelando a imagem de si. Esse psiquismo se constitui dentro de uma família pertencente a determinado grupo social de determinada sociedade. A partir da análise freudiana do mal-estar (Freud, 1930[1929]/2010b) e do conceito de ‘contrato narcísico’ de Aulagnier (1979), investigamos as lógicas estabelecidas entre o sujeito e a conjuntura social na qual está inserido. Freud (1914/2010a) destaca a importância dos ideais culturais na formação do Ideal-de-Eu, herdeiro do Édipo. O reinvestimento narcísico após o Édipo vai acontecer pautado a partir desse Ideal, construído a partir das interdições parentais e sociais, mas também da introjeção ideais culturais e parentais. Depreendemos que o reinvestimento narcísico só é possível se a trama social da/na qual o sujeito participa puder lhe investir narcisicamente. O reconhecimento social, em sua vertente positiva, é, deste modo, portador de narcisismo. Quando esse contrato narcísico não é sustentado positivamente, emerge um sofrimento psíquico e social fruto da desvalorização narcísica da imagem do Eu. Discursos identificatórios hegemônicos que ressaltam a normatividade nas identidades sexuais, de gênero, étnicas e etárias constroem identificações marcadas pela exclusão. O corpo com suas marcas da diferença, e os discursos e injunções que impõem ao sujeito um lugar de exclusão e de esgarçamento do investimento narcísico, são portadores de sofrimento. O Eu é, assim, atacado em sua imagem. Como consequência, ocorre um déficit narcísico forjado

gradativamente através de ataques cumulativos ao Eu do sujeito através de violências explícitas que marcam principalmente o corpo, ou de humilhações implícitas. Pensar nos modos de identificação do sujeito na contemporaneidade implica, dessa forma, assumir que os elementos formadores dessa identidade provêm tanto da história de vida quanto dos processos histórico-sociais (representações, concepções, papéis, ideologias, influência de classe etc.). As pesquisas de Gaulejac (2001, 2006, 2014) dão especial destaque à história pessoal como sendo produto de fatores psicológicos, sociais, ideológicos e culturais, e enfatizam essa relação amalgamada e indissociável dos romances familiares e da trajetória social do sujeito. A partir disso, Gaulejac une o projeto parental ao social reintegrando-os em quatro níveis: (a) inconsciente que remete ao narcisismo primário e ao Ideal-de-Eu; (b) afetivo que conduz o sujeito a se desenvolver pela identificação com aqueles que correspondem ao modelo idealizado internalizado; (c) ideológico que leva o sujeito a retomar os valores, normas e ethos de seus modelos de identificação, e a rejeitar os que lhe são apresentados como o avesso desses modelos; (d) sociológico, pois cada modelo de identificação porta ideais coletivos e um sistema ético, que se traduzem religiosa, política e socialmente em práticas das quais a criança é levada a participar. O projeto parental, principal força motriz das instâncias ideais do Super-Eu, se ajusta tanto às demandas inconscientes da criança quanto às dos pais, e às condições sociais com as quais os pais são confrontados em sua própria vida. As práticas discursivas constroem, de tal modo, parâmetros para as identidades, fornecendo aos sujeitos sociais um conjunto de matrizes de significados a partir dos quais eles podem se sentir parte de um grupo e desenvolver certas práticas sociais. É nesse sentido que afirmamos que as identidades são construídas discursivamente. A escuta clínica do sofrimento psíquico necessita ser também uma escuta do sofrimento social. Objetivamos analisar o sofrimento psíquico e social a partir da escuta de narrativas autobiográficas de duas idosas participantes de um projeto pesquisa e extensão realizada a partir de oficinas de revisão de vida. Para tanto, nos apoiamos em conceitos da Psicanálise e da Análise do Discurso Crítica. Explorar coletivamente as histórias de vida em projetos participativos, como as oficinas, auxiliou no reconhecimento e enfrentamento de experiências silenciadas. O processo de exclusão social escancara o engodo do pacto social no qual o sujeito é desinvestido e lançado no desamparo. Concluimos que a escuta psicanalítica se constitui, desde Freud, como ato de transgressão em relação aos fundamentos da organização social. Essa escuta se construiu enquanto discurso de resistência ante o discurso médico e social hegemônico, no tocante ao sofrimento e à compreensão do sujeito. Assim sendo, a psicanálise possibilita o resgate do sujeito de um

lugar de silenciamento e o convoca a construir novos modos de escrita de si. A experiência narrada pode se estabelecer como estratégia de resistência ante às situações de humilhação e exclusão social.

Priscilla Melo Ribeiro De Lima é docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Goiás (UFG); Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Velhice (GEPEV).

Sostenes Cezar De Lima é docente do Curso Letras e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

28. Relato de experiência clínica: “do alvorecer das pedras ao caminho da elaboração

Haggatta Luana Maia (Inst. Laura de Souza Lima); *Sergio Luiz Ribeiro* (PUC)

Resumo: O processo psicoterapêutico breve foi no referencial psicanalítico no qual a relação do terapeuta-cliente é o ponto de partida que favorece a aliança terapêutica para o estabelecimento intersubjetivo. A pessoa sente confiança e nota que o terapeuta tem disponibilidade e interesse em ouvir suas demandas estendendo assim a apropriação do setting terapêutico. O estágio de Atendimento Clínico de Orientação Psicanalítica propicia aos alunos um percurso de aprendizagem teórica e prática na condição de terapeuta. Esta atividade possibilita a vivência e reflexão sobre os sentimentos e expectativas dos estagiários desde o primeiro atendimento até as sessões finais, tornando-se essencial para o desenvolvimento do raciocínio e prática clínica. Nesse processo o aluno se apodera do desejo pelo saber e conhecer, inclinando-se a ouvir com desejo de transformar as tramas do paciente buscando torná-lo sujeito-desejante, ressignificando inibições e possibilitando elaborações psíquicas. Os atendimentos foram realizados individualmente e semanalmente no CPA da UNIP Bauru, com 10 atendimentos e três entrevistas preliminares. Essas tiveram o propósito de acolhimento, elucidação da queixa, investigação da história de vida, contrato terapêutico e levantamento de hipóteses psicodinâmicas. T. (45 anos, sexo feminino) procurou atendimento com a queixa de estar “cansada emocionalmente” e necessita “ser mais forte para cuidar dos outros”. Tem 11 irmãos, teve pouco contato com o pai, educada por sua mãe, teme que sua exaustão se reverta em maior “somatização”. Ela afligia-se por um cálculo renal. No decorrer

das sessões apresentou dificuldades em partilhar sentimentos e expressões que não fossem benevolentes segundo sua percepção. Com o transcorrer do processo psicoterápico se permitiu compartilhar sua diversidade afetiva que foram acolhidas e sustentadas egoicamente. Em uma das sessões T. relatou que “sua pedra no rim expeliu” e trouxe para o atendimento “um frasco com suas pedras”. Realizamos em conjunto um caminho de elaboração, simbolizando a dor de expelir seus sentimentos reprimidos e a abertura destes vir conjuntamente com “sua pedra expelida”. Essas possibilitaram a T. o preenchimento de lacunas e a reflexão sobre a posição subjetiva que assumia em diferentes âmbitos de sua vida e uma maior possibilidade de expressão de seus sentimentos em seu viver.

Haggatta Luana Maia é Psicóloga aprimoranda do “Instituto Lauro de Souza Lima” atuando no campo de dermatoses em atendimentos ambulatoriais e enfermarias, bem como em desenvolvimento de pesquisa científica.

Sergio Luiz Ribeiro é professor Titular do Curso de Psicologia da Universidade Paulista/UNIP Campus Bauru; participante do Núcleo de Pesquisas Lógicas Institucionais e Coletivas da PUC-SP.

29. Sobre a aplicabilidade dos dispositivos clínicos no acompanhamento de adolescentes autores de atos infracionais: intervenções por meio da escuta psicanalítica

Joicy Anne Silva (UNESP); *Gustavo Henrique Dionisio* (UNESP)

Resumo: O presente trabalho busca discutir a atuação do psicólogo no acompanhamento de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas (MSE), particularmente de Liberdade Assistida (LA). Através do referencial psicanalítico, pretendeu-se abranger os dispositivos da clínica para o campo do atendimento psicossocial enfocando, principalmente, os aspectos da escuta psicanalítica e da transferência como meios de alcançar o sofrimento dos adolescentes e seus familiares e auxiliá-los a transformar a violência, atuada através dos atos infracionais, em palavras. Para esta finalidade, utilizamos o método do estudo de caso como uma maneira de apreender as emoções resultantes do encontro psicólogo-adolescente enquanto objeto de nossa análise.

Joicy Anne Silva é Doutoranda e Mestre em Psicologia na linha de Atenção Psicossocial e Políticas Públicas (UNESP/2016), Especialista em Psicologia Clínica Psicanalítica (UEL/2011).

Gustavo Henrique Dionísio é professor assistente doutor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista (FCL-UNESP).

30. Sobre o estatuto psíquico da obesidade frente à demanda contemporânea: sintoma e acontecimento de corpo

Juliana Medeiros Silva (UNESP); *Gustavo Henrique Dionísio* (UNESP)

Resumo: A sociedade de consumo é a expressão mais banal do discurso capitalista; multiplicando os objetos imaginários de desejo, provoca o endividamento progressivo do sujeito e sua alienação crescente ao Outro do apelo comercial, fazendo surgir novos sintomas e, conseqüentemente, novas formas para categorizar o sintoma apresentado sem considerar a dimensão de gozo que o perpassa (Quinet, 1998). É também possível dizer que o sujeito contemporâneo vive numa época em que a cultura, sob o ápice desse discurso, não consegue mais regulamentar os corpos. Observamos o afrouxamento da eficácia das referências simbólicas, predominando o empuxo ao gozo (máxima satisfação no aqui e agora) junto a um movimento de “des-subjetivação” e de “des-singularização” iminentes. Nessa nova ordem social assistimos ao corpo superinvestido, culminando na psicopatologia dos corpos na vida cotidiana: problemas alimentares, passagens ao ato, pânico, hiperatividade, adicções e compulsões - sintomas dessa nova ordem psicossocial (Laurent, 2012; Alvarenga, 2013). Neste cenário que a prevalência de sobrepeso e obesidade vem se apresentando como um dos principais desafios enfrentados pela saúde no âmbito mundial. Considerada pela medicina uma doença crônica, multifatorial e de complexo tratamento, a obesidade se tornou um problema de saúde pública tão preocupante quanto à desnutrição, além de ser um importante fator de risco para outras doenças, afetando todas as faixas etárias da população e demandando ações em todos os âmbitos (WHO, 2012). Segundo o relatório de “Estatísticas Mundiais de Saúde 2012”, publicado pela Organização Mundial de Saúde, 12% da população mundial é obesa, sendo a obesidade a causa de morte de 2,8 milhões de pessoas por ano. Os dados da OMS ainda apontam que a ocorrência de obesidade no mundo mais do que o dobrou desde 1980, apresentando um crescimento desenfreado principalmente nos últimos anos

(WHO, 2012). A dificuldade de controle da obesidade, seus índices expressivos e progressivos e as questões psíquicas que envolvem esta manifestação chamam a atenção e convocam também o psicanalista à reflexão. O que poderia significar esse ‘boom’ da obesidade no contexto contemporâneo? Que lugar a obesidade pode assumir para o sujeito em sua economia psíquica? Entendendo o corpo a partir da ordem psíquica como um complexo, regido pela pulsão, pelo desejo e pela sexualidade (Freud, 1905/1996), a psicanálise compreende que o ‘adoecer’ pode assumir uma função psíquica. Lacan, no seminário sobre os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964/2008), afirma que “Tudo o que está no organismo como órgão se apresenta sempre com uma grande multiplicidade de funções” (p. 99), o que leva a concluir que todo órgão pode ter uma função, e mais além, o corpo como um único órgão pode ser palco de muitas manifestações psíquicas. Assim, orientado pela pulsão e pelo desejo o corpo deixa de ser apenas carne e ganha contornos mais complexos, se apresentando como um corpo que fala e que o faz das mais diversas formas, inclusive através do ‘adoecimento’. Nesta lógica, a obesidade assumiria então o status de manifestação, trazendo em si algo que diz da particularidade do sujeito e de sua existência no social, e não necessariamente de uma doença como preconiza a medicina. Frente à esta conjuntura e diante das múltiplas facetas da obesidade e suas vicissitudes, a presente pesquisa teórica e qualitativa, resguardada à vivência com esta população, se propôs a discutir sobre o estatuto desta manifestação no corpo característica da obesidade, o excesso de peso, a partir do referencial teórico da psicanálise, visando refletir sobre este fenômeno no contexto contemporâneo e sobre a função que o peso excessivo pode assumir para o sujeito a partir das designações de sintoma e acontecimento de corpo. Para tal, o método utilizado pautou-se na revisão bibliográfica, visando: a) caracterizar a extensão do problema e a abordagem médica da obesidade; b) localizar as diferentes possibilidades de conceituação teórica nas psicanálises freudiana e lacaniana (e seguidores) para as chamadas manifestações no corpo: sintoma e acontecimento de corpo; c) à luz dessa conceituação, refletir sobre a abordagem psicanalítica do fenômeno "obesidade" e a função que o excesso de peso pode assumir para o sujeito considerando particularidades estruturais. As leituras possibilitaram concluir que ao se falar em obesidade não estamos tratando de uma única manifestação, mas sim de obesidades; que se manifestam e assumem diferentes significados a depender da estrutura psíquica do sujeito, podendo inclusive significar um enlace no social. Em suma, este trabalho pretende apresentar de um modo mais integrado de olhar para obesidade, considerando sua manifestação enquanto a de um corpo que fala, insistentemente, mas que fala de um modo de existir, de um

sofrimento, ou até mesmo de uma absorção/rendição à estrutura e ao discurso da sociedade vigente; tomando como base, não o olhar da medicina que vê a obesidade de antemão como um mal a ser combatido, mas em face da psicanálise, que buscará entendê-la como um modo de existência do sujeito envolto de todas as condições que o atravessam no contemporâneo. Palavras-chave: Obesidade; Psicanálise; Sintoma; Acontecimento de Corpo.

Juliana Medeiros Silva é Mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Gustavo Henrique Dionisio é professor assistente doutor do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade Estadual Paulista (FCL-UNESP).

31. Uma nova perspectiva sobre a dinâmica do prazer

Stephanie Soares Brum (UFRJ); *Tatiana Fagundes Audino* (UFRJ)

Resumo: As compulsões vem se apresentando atualmente como um grande disparador de dilemas e questionamento para a psicanálise nos dias atuais. Ao nos voltarmos para a dinâmica do prazer nestes casos, nos deparamos com sujeitos que são tomados por um agir demasiado e algumas vezes até ininterrupto por longos períodos de tempo. No entanto, apesar destes sintomas apresentarem no ato uma descarga constante, o prazer parece não ser alcançado em decorrência desta. Há muito sabemos que desde o surgimento da psicanálise em 1900 o prazer se inscreve como o objetivo sempre almejado pelo aparelho psíquico; estando remetido ao alívio do acúmulo de tensão no psiquismo. Neste sentido, a busca do prazer - e/ou evitação do desprazer - seria sustentado por Freud como um dos dois princípios básicos do funcionamento do aparelho psíquico (Freud, 1911) por muitos anos de sua obra. No decorrer do texto freudiano diversas considerações foram feitas sobre o tema e várias questões podem ser levantadas no que tange as facetas qualitativas e quantitativas da dinâmica do prazer; entretanto, para os fins de nosso trabalho, devemos reconhecer o papel fundamental do movimento de descarga neste processo. Em 1924, Freud aponta que embora a vertente qualitativa deva ser considerada, o prazer estaria atrelado a um movimento de liberação do acúmulo de tensão do aparelho psíquico. Tendo em vista as problemáticas trazidas à tona pela clínica atual, percebemos que a dimensão do prazer implica em caminhos tortuosos na contemporaneidade. Neste sentido, recorreremos à Winnicott por acreditar que: embora este

autor não tenha se dedicado especificamente ao estudo do prazer, podemos vislumbrar em sua obra três formas distintas de obtenção deste: 1) sexual (referente as considerações freudianas, tendo por base a ideia de descarga); 2) encontro com o outro; 3) estados calmos. Estes diferentes meios pelos quais o prazer poderia ser alcançado estariam interligados entre si e remetidos ao processo de constituição do indivíduo como um si mesmo. Visto isso, objetivamos pensar nestas maneiras distintas de obtenção de prazer, partindo da problemática trazida a tona pela compulsão.

Stephanie Brum é mestranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. -

Tatiana Fagundes Audino é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

32. Violência e pornografia na experiência cinematográfica

Fabio Dal Molin (UFRGS)

Resumo: O objetivo desta pesquisa é propor um convite a exploração do cinema como potência teórica e analítica que criam condições de possibilidade de pensar a violência em uma sociedade do transbordamento ideológico e significativa da experiência protagonizada pela internet, pelo cinema e pela televisão. Para tanto direcionamos nosso escopo investigativo a temas cinematográficos controversos: a violência e a pornografia, ambos explícitos. Usamos como objeto de análise o filme “Um filme sérvio” (Srđan Spasojević 2010) cuja exibição e distribuição foram proibidas no Brasil e em outros países. Como caminho metodológico e teórico utilizamos os conceitos de real, imaginário e simbólico de Lacan adaptados a análise cinematográfica por Slavoj Žižek e também a análise significativa de Christian Metz. Nossa pergunta é: o que o cinema (ou a televisão, a imprensa, a internet) produz que constrói uma realidade radical, sendo ficção? Os achados de pesquisa discutem a experiência cinematográfica e a análise do filme como importantes desveladores de um sintoma social que é vivenciado como real na impossibilidade de simbolização pelo espectador.

Fabio Dal Molin é professor adjunto iv da Universidade Federal do Rio Grande do Curso de Licenciatura Ciências Exatas.

PROGRAMA DAS CONFERÊNCIAS

Dia 21/06/2017

Das 9h00 às 10h30. Apresentação de comunicações I

Das 11h00 às 12h30. Apresentação de comunicações II

Das 13h30 às 15h00. Apresentação de comunicações III

Das 15h30 às 10h30. Apresentação de comunicações IV

Das 12h00 às 14h00. Apresentação de pôsteres (que ficarão expostos durante todo o evento)

Dia 22/06/2017

09h00 Abertura oficial

Prof. Dr. *Leopoldo Fulgencio* (IPUSP, Coordenador do GT)

Prof. Dr. *Daniel Kupermann* (IPUSP)

Profa. Dra. *Marilene Proença Rebello de Souza* (Diretora do IPUSP)

09h15 Conferência de abertura

Aux limites des recherches psychanalytiques

Prof. Dr. *Christian Hoffmann*

(Directeur de l'Ecole Doctorale Recherches en psychanalyse à Paris Diderot)

10h15 Intervalo

10h30 Mesa redonda 01: Aspectos estruturais da pesquisa em psicanálise

Diversidade de metodologias de pesquisas com base na teoria psicanalítica

Prof. Dr. *Leopoldo Fulgencio* (IPUSP) & Prof. Dr. *Daniel Coelho* (UFS)

Métodos e objetivos da psicanálise: perspectivas a partir do diálogo entre Jean Laplanche e Michel Foucault

Prof. Dr. *Fabio Belo* (UFMG) & Profa. Dra. *Camila Farias* (UFSM)

À procura de um método para a comunicação entre paradigmas teóricos díspares

João Paulo Barretta (HC, Anhembi) & *Leopoldo Fulgencio* (IPUSP)

12h00 Fim da manhã de conferências do dia 22/06

14h00 Mesa redonda 02: Aspectos epistemológicos dos modelos e de métodos de pesquisa em psicanálise I

Sobre três eixos da pesquisa em psicanálise: clínica, teoria e extensão.

Prof. Dr. *Ivan Estevão*(USP-Leste)

Da pesquisa psicanalítica entre metapsicologia e reflexão estética: apontamentos iniciais

Prof. Dr. *Gustavo Henrique Dionisio* (UNESP-Assis)

Das 15h00 às 15h20 Intervalo

15h30 Mesa redonda 03: Potencialidades da pesquisa em psicanálise na Universidade

Destinos de uma ciência “bastarda”: psicanálise e transdisciplinaridade

Prof. Dr. *Daniel Kupermann* (IPUSP)

Interrogando o sexo ou interrogados pelo sexo?

Profa. Dra. *Simone Perelson* (ECO, UFRJ)

Consequências políticas do trabalho com psicanálise em escala grupal

Prof. Dr. *Rogério Lerner* (IPUSP)

16h30 Fim da tarde de conferências do dia 22/06

Dia 23/06/2015

09h00 Mesa redonda 04: Aspectos epistemológicos dos modelos e de métodos de pesquisa em psicanálise II

Psicanálise: o desvio como método

Profa. Dra. *Jô Gondar* (UNIRIO) & Profa. Dra. *Fernanda Canavêz* (UFRRJ)

A singularidade da construção teórica em Psicanálise

Profa. Dra. *Marta Rezende Cardoso* (UFRJ)

Das 10h00 às 10h20 Intervalo

10h30 Mesa redonda 05: Pesquisa clínica e pesquisa acadêmica em psicanálise

Escuta e interpretação na pesquisa psicanalítica

Prof. Dr. *Eduardo Leal Cunha* (UFS) & Prof. Dr. *Fernando Hartmann* (UFRS)

Uma proposta histórico-conceitual para pesquisa teórica em psicanálise

Prof. Dr. *Richard Theisen Simanke* (UFJF)

& Profa. Dra. *Fátima Caropreso* (UFJF)

11h30 Fim da manhã de conferências do dia 23/06

14h00 Mesa redonda 06: O uso de casos clínicos e outros materiais similares para a pesquisa em psicanálise

Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa.

Profa. Dra. *Isabel Fortes* (PUC-RJ) & Profa. Dra. *Mônica Macedo* (PUC-RS)

Pesquisa clínica em psicanálise: descrição de uma ferramenta metodológica.

Prof. Dr. *Julio Sergio Verztman* (UFRJ)

& Profa. Dra. *Fernanda Pacheco Ferreira* (UFRJ)

16h00 Conferência de encerramento

Política e pesquisa em psicanálise

Prof. Dr. *Joel Birman* (UFRJ, UERJ)

CONFERÊNCIAS: programa e resumos

(por ordem alfabética de Autores)

1. Aux limites des recherches psychanalytiques

Prof. Dr. *Christian Hoffmann* (Directeur de l'Ecole Doctorale Recherches en psychanalyse à Paris Diderot)

Resumo: Dans cette conférence, je propose d'analyser les limites de la recherche psychanalytique, compte tenu de la question du sujet de l'inconscient comme indispensable au champ de la connaissance, sans néanmoins pouvoir y être objectif.

Christian Hoffmann. Psicanalista, Professor de Psychopathologie Clinique na Sorbonne Paris Cité, Université Paris Diderot, pesquisador no CRPMS, Diretor da Ecole Doctorale Recherches en psychanalyse et en psychopathologie. Foi contemplado com a Cátedra Lévi-Strauss junto ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP.

2. Destinos de uma ciência “bastarda”: psicanálise e transdisciplinaridade

Prof. Dr. *Daniel Kupermann* (IPUSP)

Resumo: Pretendo, nesta conferência, explorar algumas das especificidades da pesquisa em psicanálise na universidade. Para isso, proponho uma discussão sobre a “tópica” da psicanálise no encontro com as outras disciplinas que compõe o cenário das ciências humanas e sociais. Demonstrarei de que maneira, de um lado, a psicanálise não pode ficar alheia a saberes que lhe são contemporâneos, sob o risco de estagnar-se; por outro lado, como sua função de interrogação crítica das disciplinas vizinhas é responsável por manter seu vigor intelectual na atualidade.

Daniel Kupermann. Professor doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, psicanalista membro da Formação Freudiana (RJ), autor de vários artigos publicados em revistas especializadas nacionais e estrangeiras e dos livros *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (editora Escuta), *Ousar rir: humor, criação e*

psicanálise, e Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica, ambos publicados pela editora Civilização Brasileira. Email: dkupermann@usp.br

3. Escuta e interpretação na pesquisa psicanalítica

Prof. Dr. *Eduardo Leal Cunha* (UFS) & Prof. Dr. *Fernando Hartmann* (UFRS)

Resumo: A escuta e a interpretação são dois conceitos correlatos que conjuntamente com a transferência suportam o cotidiano da clínica psicanalítica. Na pesquisa psicanalítica ainda se faz necessário práticas de escuta e interpretação, mas a transferência se apresenta diferentemente, se pensarmos a posição do sujeito suposto saber. Retomamos neste texto o questionamento da diferença entre o sujeito na clínica e na pesquisa, visando uma metodologia viável à pesquisa psicanalítica sem desconsiderar o sujeito do inconsciente, tendo em vista que a forma de interpretação na clínica psicanalítica não é da mesma ordem que a interpretação utilizada sobre os dados da pesquisa. O problema gira em torno das metodologias de interpretação, por exemplo, a metodologia da análise de discurso busca uma forma de interpretação onde o sujeito, assim como ele é conceituado na psicanálise, continue a ser considerado como um efeito do discurso, suportado por uma língua e uma história. Neste sentido retomamos pesquisas realizadas analisando as práticas de escuta e interpretação na relação entre a clínica e a pesquisa.

Eduardo Leal Cunha. Professor associado do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisador Associado do Centro de Pesquisas Psicanálise Medicina e Sociedade da Universidade de Paris VII - Diderot. Psicólogo e psicanalista, membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos é autor de vários artigos publicados em revistas especializadas e dos livros *Indivíduo singular plural: a identidade em questão* (Editora 7Letras), e *O adultério em dez lições* (Editora Planeta). Email: dudalealc@gmail.com

Fernando Hartmann. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Pós-doutor em Psicanálise pela Universidade de Paris-Diderot, Paris VII (2015). Professor de psicologia da Universidade Federal de Rio Grande, Professor convidado do Mestrado em Ciências da Linguagem da Univás, Professor convidado na Especialização de Clínica Psicanalítica da ULBRA Santa Maria. Professor e Tutor da Especialização/

Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Hospitalar do Hospital Universitário da FURG. Coordenador do Centro de Atendimento Psicológico da FURG, Supervisor de clínica do Centro de Atendimento Psicológico da FURG. Pesquisador da Cadeira da UNESCO Multilinguismo no mundo digital. Participa dos Grupos de Pesquisa CNPQ: Enunciação em perspectiva (Unisinos) e Tessitura: Vozes em (Dis)curso (PUCRS), Psicanálise, Clínica e contemporaneidade (UFAL), Psicologia Clínica e da saúde (FURG), Educação e Análise de Discurso (UFRGS). Email: ferhart@terra.com.br

4. Da pesquisa psicanalítica entre metapsicologia e reflexão estética: apontamentos iniciais

Prof. Dr. *Gustavo Henrique Dionisio* (UNESP - Assis)

Resumo: Este trabalho visa elaborar alguns pontos acerca de uma elaboração metodológica da pesquisa em psicanálise partindo de dois eixos que deverão se entrecruzar necessariamente, a saber: a teoria clínico-metapsicológica e o trabalho de reflexão estética. No cortante ensaio *O inconsciente estético*, por exemplo, o filósofo Jacques Rancière sugeriu que com a passagem da idade clássica à modernidade teríamos assistimos ao surgimento de uma mudança radical no regime de pensamento que, dentre outras consequência, muito servirá como modo de fazer da arte mas também da ciência: de um regime representativo pré-moderno passamos então a um regime propriamente estético, no qual a hierarquia entre temas, objetos ou mesmo sujeitos perde todo seu sentido, e assim determinando de maneira irreversível uma condição rigorosamente horizontal de relação entre as coisas. E é justamente a partir desse momento que a psicanálise surgirá, e, com ela, um certo modo de investigar os objetos que lhe interessam, e cujo método procuraremos circunscrever aqui.

Gustavo Henrique Dionisio. Mestre e Doutor em Psicologia Social da Arte pelo Instituto de Psicologia da USP, Professor de Graduação e Pós-Graduação no Dep. de Psicologia Clínica da Unesp-Assis. Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo (EBEP-SP). Autor de "O antídoto do mal. Crítica de arte e loucura na modernidade brasileira" (Coleção Loucura & Civilização, Fiocruz), "Pede-se abrir os olhos: psicanálise e reflexão estética hoje" (Annablume/FAPESP), e co-organizador de "Políticas públicas e clínica crítica" (Cultura Acadêmica-UNESP). Email: gustavohdionisio@gmail.com

5. Quem é o psicanalista pesquisador? Questões cruciais sobre o método psicanalítico de pesquisa

Profa. Dra. *Isabel Fortes* (PUCRJ) & Profa. Dra. *Mônica Macedo* (PUCRS)

Resumo: Pretendemos mapear alguns pontos relevantes sobre a pesquisa psicanalítica, a partir da reflexão sobre os impasses gerados pela inserção da Psicanálise na Universidade, mais especialmente, no contexto da pós-graduação. Muitos são os ensaios de psicanalistas pesquisadores sobre a especificidade do método psicanalítico de pesquisa em relação a outros saberes. Na sua maioria, estes ensaios desenvolvem as questões epistemológicas da Psicanálise destacando como o método freudiano da singularidade da escuta, bem como os conceitos de pulsão, inconsciente e transferência, que pautam o trabalho clínico, são também os pilares da prática da pesquisa de psicanalistas no âmbito da produção de conhecimento nas universidades. No entanto, as leituras destes trabalhos ainda deixam muitas incógnitas sobre como, efetivamente, se constitui a prática da pesquisa psicanalítica, ou seja, o “como fazer?” é uma questão que nos acossa e onde precisamos avançar. Para a reflexão sobre estas indagações, propomos explorar quatro pontos. No primeiro, expomos uma visada histórica da relação entre a Psicanálise e a Universidade e localizamos a construção da figura do *psicanalista pesquisador* a partir da criação de Programas de Pós-Graduação em Psicanálise que começou a ocorrer no Brasil nos meados dos anos 80. A inscrição da Psicanálise nas universidades registrou um marco importante no movimento psicanalítico, uma vez que a universidade não segue uma linha ou vertente teórica específica da Psicanálise, não se caracterizando como um lugar de formação de psicanalistas, mas tendo como objetivo formar pesquisadores. No segundo ponto, buscamos apresentar as duas modalidades de pesquisa psicanalítica que se pautam pelo método psicanalítico: a investigação teórica e a pesquisa empírica. Além das orientações de dissertações e teses de reflexão teórica que resultam em importante ampliação e consolidação do escopo psicanalítico metapsicológico, os psicanalistas que trabalham nas universidades são convocados, também, a realizar trabalhos investigativos com dados obtidos em outros espaços que não apenas o da escuta na clínica psicanalítica. O terceiro item aborda a questão, tão velha quanto nova, da cientificidade da Psicanálise. Um consenso dos ensaios estudados é que a pesquisa psicanalítica não se insere de modo algum nos cânones da ciência experimental, sendo a Psicanálise considerada uma outra modalidade de Ciência. Apresentamos diferentes perspectivas sobre os critérios que definiriam, então, este outro modo de fazer Ciência que não responde ao modelo dos

laboratórios. Além disso, expomos a visão de pesquisadores que não se preocupam com a questão da cientificidade da Psicanálise, buscando muito mais destacar a singularidade de seu campo de saber em relação a outros campos das Ciências Humanas. No quarto e último ponto, perguntamo-nos quais seriam as diferenças entre o método psicanalítico de tratamento e o método psicanalítico de pesquisa. Se, por um lado, assevera-se uma evidente sincronia entre ambos, consideramos, no entanto, fundamental a tentativa de demarcar algumas diferenças de suas ‘aplicabilidades’. Neste sentido, os quatro pontos referidos no texto têm como objetivo trazer à luz questões consideradas cruciais na Psicanálise como prática do psicanalista pesquisador na Universidade.

Isabel Fortes. Psicanalista, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, Coordenadora do LAPSU - Laboratório de Pesquisas Avançadas em Psicanálise e Subjetividade. Autora do livro *A dor psíquica* (Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012). Email: mariaisabelfortes@gmail.com

Mônica Medeiros Kother Macedo. Doutora em Psicologia (PUCRS). Professora Titular da Graduação e da Pós-Graduação no Curso de Psicologia da Escola de Humanidades na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Coordenadora do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/PUCRS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2, Membro da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia-PUCRS. Membro do Grupo de Trabalho: Psicanálise, subjetivação e cultura contemporânea - da Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Email: monicakm@puers.br

6. Sobre três eixos da pesquisa em psicanálise: clínica, teoria e extensão

Prof. Dr. *Ivan Estevão* (USP - Leste)

Resumo: Trata-se de pensar as possibilidades de se fazer a psicanálise avançar em termos metodológicos a partir de três eixos: 1) sua clínica (aqui em sentido ampliado, pensado como os efeitos da prática sustentada pelo discurso analítico); 2) o estabelecimento de seu campo conceitual (campo epistemológico) que comporta aí o confronto constante entre como a psicanálise propõe que se produza teoria e a própria teoria, dando destaque assim aos

impasses teóricos; e 3) a articulação tensa mas fundamental da psicanálise com os outros campos do saber ao qual ela faz limite (ou, na expressão lacaniana, litoral).

Ivan Ramos Estevão. Psicanalista, Doutor em Psicologia Clínica, Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, Membro do Fórum do Campo Lacaniano, Membro do Laboratório de Psicanálise e Sociedade da USP e do Núcleo de Psicanálise e Política da PUC-SP". Email: ivanre@yahoo.com

7. Psicanálise: o desvio como método

Profa. Dra. *Jô Gondar* (UNIRIO) & Profa. Dra. *Fernanda Canavêz* (UFRRJ)

Resumo: O trabalho objetiva aproximar a noção de método como desvio, presente na obra de Walter Benjamin, de um determinado modo de fazer pesquisa em psicanálise. Para tal propomos a articulação entre a figura do mosaico, da qual Benjamin se utiliza em *A origem do drama barroco alemão*, daquela do eu fragmentado, corrente no pensamento de Sándor Ferenczi. Por fim, aposta-se na fertilidade dessa aproximação para discutir as subjetividades contemporâneas, marcadas que parecem ser pela fragmentação, pela dissolução.

Jô Gondar. Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Trauma, subjetividade e políticas de reconhecimento no PPGMS/UNIRIO. Autora de *Os tempos de Freud* (Ed. Revinter, 1995) e organizadora de *Memória e Espaço* (com Thiesen, Ed. 7Letras, 2000), *Trilhas do Contemporâneo* (com Barrenechea, Ed. 7Letras, 2003), *O que é memória social?* (com Dodebei, Ed. Contra Capa, 2005), *Por que memória social?* (com Farias e Dodebei, Morpheus, 2015). Email: jogondar@uol.com.br

Fernanda Canavêz. Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Autora do livro *Entre compromisso e resistência: os descaminhos do sintoma neurótico* (Multifoco, 2011). Email: fernandacanavez@gmail.com

8. Política e pesquisa em psicanálise

Prof. Dr. *Joel Birman* (UFRJ, UERJ)

Resumo: Depois de analisar o amalgama constituinte da psicanálise, mostrando suas faces políticas articuladas com as clínicas, no quadro de uma compreensão foucaultiana da psicanálise, proponho mostrar como as opções metodológicas estão determinadas por aspectos políticos-ideológicos que estabelecem os objetivos a serem alcançados pelas pesquisas em psicanálise, seja em termos clínicos seja em termos de produção teórica.

Joel Birman Professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, além de pesquisador do CNPq. Médico e Psicanalista, é membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e do Espace Analytique, de Paris. É autor de diversos livros, publicados no Brasil e no exterior, dos quais se destacam *Mal-estar na Atualidade*, *Arquivos do mal-estar e da resistência*, *Cadernos sobre o mal* e *O sujeito na contemporaneidade*, todos pela editora Civilização Brasileira, tendo este último, lançado em 2013, recebido os Prêmios Jabuti e Biblioteca Nacional. Email: joelbirman@uol.com.br

9. Pesquisa clínica em psicanálise: descrição de uma ferramenta metodológica.

Prof. Dr. *Julio Sergio Verztman* (UFRJ) & Profa. Dra. *Fernanda Pacheco Ferreira* (UFRJ)

Resumo: Pretendemos apresentar e avaliar criticamente um conjunto metodológico construído pelo NEPECC, denominado de "Estudo Psicanalítico de Casos Clínicos Múltiplos". Esta ferramenta para pesquisa clínica vem sendo usada por este núcleo desde 2002, quando uma investigação comparativa entre sujeitos portadores de Lupus e sujeitos melancólicos teve início. Desde então, duas outras pesquisas utilizaram esta ferramenta. Durante a comunicação, serão descritas e discutidas as características que possam constituir as principais vantagens obtidas pelo método, bem como seus limites e impasses.

Julio Sergio Verztman. Psicanalista, psiquiatra, Doutor em ciências da saúde pela UFRJ, professor do Programa de pós-graduação em teoria psicanalítica (PPGTP-UFRJ, coordenador

do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Clínica da Contemporaneidade (NEPECC), psiquiatra do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB). Email: jverztman@globo.com

Fernanda Pacheco Ferreira. Possui graduação em Psicologia (2000), mestrado (2003) e doutorado (2008) em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com estágio doutoral na Université René Descartes (Paris V) em 2006-2007 e Diplôme d'Université en psychiatrie infantile pela mesma universidade. Tem experiência na área de Psicanálise, com ênfase em Teoria da Clínica, atuando principalmente nos seguintes temas: psicopatologia, processos de subjetivação, relações objetais precoces e técnicas psicoterápicas, constituição da subjetividade. Atualmente possui vínculo com o Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) através do Programa de Apoio a Projetos Institucionais com a Participação de Recém-Doutores (PRODOC/CAPES) (2010-2014) e através do PNPd CAPES (2015- até o presente). Participa do GT Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea da ANPEPP, desde 2016. Integrante do conselho editorial e da comissão executiva da Revista ÁGORA - Estudos em Teoria Psicanalítica, desde 2014. Email: fpachecoferreira@gmail.com

10. O problema da comunicação entre sistemas teóricos díspares na psicanálise: propostas metodológicas para sua realização

Prof. Dr. *Leopoldo Fulgencio* & Prof. Dr. *João Paulo Barretta*

Resumo: Este artigo pretende apresentar algumas diretrizes epistemológicas e metodológicas para estabelecer uma comunicação possível entre sistemas teóricos díspares na psicanálise. Depois de retomar a constatação, já feita por Green, de que a psicanálise encontra-se num tipo de Babel, onde a catástrofe na comunicação parece ser o acontecimento ordinário, fazemos uma análise crítica de algumas das soluções propostas para procurar resolver esse problema. Apoiados na compreensão de Thomas Kuhn sobre o desenvolvimento das ciências e na sua noção de paradigma, consideramos que esse tipo de entendimento (kuhniano) pode esclarecer tanto as continuidades quanto as incomunicabilidades entre propostas semântico-teóricas formuladas e/ou desenvolvidas pós-Freud, procurando a possibilidade de contribuições que possam ampliar a descrição dos problemas e o valor heurístico das teorias psicanalíticas. Tal perspectiva nos leva a considerar que são os fenômenos (clínicos) aos quais uma teoria se refere onde encontraremos os elementos que podem servir para estabelecer uma comunicação.

Se formos capazes de enxergar os fenômenos com base nos conceitos de uma determinada abordagem teórica e, além disso, explicitar o ponto de vista a partir do qual isto estaria sendo feito, teríamos um quadro mais amplo de fenômenos passíveis de serem considerados em conjunto, ainda que, saibamos, que nem sempre isso é possível, dado que há fenômenos que poderiam ser pensados num quadro teórico mas não em outro. Grosso modo, consideramos que os diferentes enfoques agregados podem permitir a construção de uma perspectiva mais abrangente dos problemas e a um sistema teórico mais detalhado dos fenômenos relevantes para o campo psicanalítico. Cada um de nós propõe um tipo de solução, no que se refere à construção de um sistema teórico mais abrangente: Barretta considera que seria possível chegar a um único sistema semântico-teórico-descritivo, que integraria (ao menos parcialmente) todas essas perspectivas; Fulgencio, por sua vez, considera que as diversas perspectivas (os fenômenos por elas descritos) seriam integráveis regionalmente, no quadro de cada um dos sistemas teórico-semânticos, integrando os fenômenos redescritos, então, nesse sistema regional, fazendo-o expandir no seu poder descritivo e heurístico de resolução de problemas.

Leopoldo Fulgencio. Professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. Autor dos livros *O Método Especulativo em Freud* (EDUC, 2008), *Mach e Freud: influências e paráfrases* (Concern, 2016), e *Por que Winnicott?* (Zagodoni, 2016); organizador dos livros *Freud na Filosofia Brasileira* (em parceria com Simanke, Escuta, 2004), *A Fabricação do Humano* (em parceria com Birman, Cunha e Kupermann, Zagodoni, 2014, livro premiado com o Jabuti de 2015), *Amar a si mesmo e amar o outro* (em parceria com Birman, Cunha e Kupermann, Zagodoni, 2016). Dentre seus artigos publicados, pode-se destacar: “Freud’s Metapsychological Speculations” (*International Journal of Psychoanalysis*, 2005), “Winnicott’s Rejection of the Basic Concepts of Freud’s Metapsychology” (*IJP*, 2007; artigo republicado no Anuário do IJP de 2008 em suas edições, organizadas por diferentes editores, em francês, português e espanhol), “Discussion of the place of metapsychology in Winnicott's work” (*IJP*, 2015, artigo a ser republicado no Anuário do IJP de 2017 em sua edição em português); dentre outros. Email: leopoldo.fulgencio@gmail.com

João Paulo Barretta. Psicanalista. Graduado em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1998), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

(2001) e doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2007. Áreas de estudo: história da psicanálise (Freud, Klein, Lacan e Winnicott) e fenomenologia e psicanálise. Email: jpbarretta@hotmail.com

11. Diversidade de metodologias de pesquisas com base na teoria psicanalítica

Prof. Dr. *Leopoldo Fulgencio* (IPUSP) & Prof. Dr. *Daniel Coelho* (UFS)

Resumo: Considerando a psicanálise como uma ciência e uma ciência aplicada, procura-se distinguir os diversos tipos de metodologias utilizadas para as pesquisas com base nas teorias psicanalíticas, diferenciando as pesquisas clínicas das teóricas. Para isto consideramos, sempre, como parte integrante dos métodos, os objetivos a serem alcançados em cada um dos casos. Nesse sentido procuramos esclarecer que não há um método psicanalítico para pesquisa, mas que, com base na teoria psicanalítica, há métodos (ou caminhos) específicos para produção de diversos tipos de conhecimento.

Leopoldo Fulgencio. Professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. Autor dos livros *O Método Especulativo em Freud* (EDUC, 2008), *Mach e Freud: influências e paráfrases* (Concern, 2016), e *Por que Winnicott?* (Zagodoni, 2016); organizador dos livros *Freud na Filosofia Brasileira* (em parceria com Simanke, Escuta, 2004), *A Fabricação do Humano* (em parceria com Birman, Cunha e Kupermann, Zagodoni, 2014, livro premiado com o Jabuti de 2015), *Amar a si mesmo e amar o outro* (em parceria com Birman, Cunha e Kupermann, Zagodoni, 2016). Dentre seus artigos publicados, pode-se destacar: “Freud’s Metapsychological Speculations” (International Journal of Psychoanalysis, 2005), “Winnicott’s Rejection of the Basic Concepts of Freud’s Metapsychology” (IJP, 2007; artigo republicado no Anuário do IJP de 2008 em suas edições, organizadas por diferentes editores, em francês, português e espanhol), “Discussion of the place of metapsychology in Winnicott's work” (IJP, 2015, artigo a ser republicado no Anuário do IJP de 2017 em sua edição em português); dentre outros. Email: leopoldo.fulgencio@gmail.com

Daniel Menezes Coelho. Professor adjunto IV do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. É psicólogo e psicanalista. Possui mestrado e doutorado em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Email: daniel7377@gmail.com

12. A singularidade da construção teórica em Psicanálise

Profa. Dra. *Marta Rezende Cardoso* (UFRJ)

Resumo: A experiência clínica interroga permanentemente a metapsicologia, impondo-lhe reflexão e, algumas vezes, transformação, enquanto ampliação e aprofundamento. As grandes reviravoltas que tiveram lugar no percurso de Freud foram desencadeadas pela exigência colocada por situações clínicas distintas daquelas que inspiraram as teorizações precedentes. A partir da contribuição de Jean Laplanche, abordaremos a singularidade do método de construção teórica em Psicanálise, inseparável de seu método clínico, construção que se faz numa complexa temporalidade.

Marta Rezende Cardoso. Doutora em Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse - Université de Paris 7 - Denis Diderot (1995). Professora Associada IV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica e Departamento de Psicologia Clínica). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica -UFRJ - de março de 2011 até julho de 2013, tendo passado ao cargo de substituta a partir de então até novembro de 2015, cargo também exercido de março de 2010 a fevereiro de 2011. Coordenadora de três acordos internacionais entre o Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e as Universidades francesas Université Paris Diderot, Paris Descartes e Paris Ouest Nanterre. Membro efetivo da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental e do GT da ANPEPP - Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea. Email: rezendecardoso@gmail.com

13. Métodos e objetivos da psicanálise: perspectivas a partir do diálogo entre Jean Laplanche e Michel Foucault

Prof. Dr. *Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro* (UFMG) & Prof. Dr. *Fabio Melo* (UFMG) & Profa. Dra. *Camila Faria* (UFSM)

Resumo: Pretendemos fazer trabalhar a hipótese formulada por Michel Foucault de que a psicanálise é um dispositivo de cuidado de si, uma “espiritualidade” (Foucault, 2001, p. 18), na medida em que articula o conhecimento do sujeito com uma transformação do sujeito: cuidar de si, a partir do dispositivo analítico, implica em saber mais sobre si mesmo, na medida em que o sujeito se transforma a partir desse cuidado e desse saber.

A partir dessa hipótese/provocação de Foucault, é inevitável que nos questionemos sobre as finalidades de uma análise. Como pode ser descrito o sujeito depois de uma análise? É possível uma descrição geral, para além da história singular de cada análise? Para fazer trabalhar a ideia foucaultiana, vamos nos valer das observações (esparsas por toda obra) metodológicas de Jean Laplanche. Começemos por lembrar que o autor (Laplanche, 1999) associa o método psicanalítico a uma anti-hermenêutica. A ideia é que o analista deve operar a partir do modelo do desligamento, da pulsão sexual de morte. A ferramenta interpretativa deve evitar produzir mais sentido, mais eu: disso o próprio eu, compelido pela pulsão a traduzir, se encarregará. O que colocamos em questão é se é possível uma posição neutra – idealizada aqui na encarnação do método analítico por excelência – que não vise nenhum fim, não vise, através da interpretação, produzir um efeito afetivo na(o) paciente. Efeito de afeto que será, certamente, moral e político. A análise dos relatos de casos clínicos tanto por parte de analistas quanto de analisandas(os), servirão de objeto de estudo para compreender como este antes e depois de uma análise tem se dado no campo psicanalítico. Partimos do pressuposto de que é fundamental discutir sempre conjuntamente as relações entre método e objetivo da prática clínica. Se a análise visa transformar o sujeito na medida em que este se articula melhor com sua verdade e esta, por sua vez, sempre estará referendada ao seu inconsciente, levantamos a hipótese de que tais transformações não ocorrem num vácuo moral e político. É preciso examinar se há algum tipo de sujeito analisado ideal mais ou menos explícito na prática e na teoria sobre a prática clínica. Acreditamos que tal discussão é muitas vezes reduzida ao moralismo que devemos evitar numa análise. No entanto, a suposta neutralidade do método também nos parece uma exigência idealizada e que pode ser questionada. É possível pensar nos efeitos morais do método clínico, isto é, na produção de subjetividade decorrente deste método, evitando os riscos do moralismo e da suposta neutralidade?

Paulo de Carvalho Ribeiro formou-se em medicina na UFMG em 1980. Iniciou sua formação psicanalítica em Belo Horizonte e concluiu, em 1992, seu Doutorado na Universidade Paris 7. Em 2004, realizou atividades de Pós-Doutorado na PUC-SP. Atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG, na área de estudos psicanalíticos, e um dos responsáveis pela cadeira de Psicopatologia Geral na graduação do mesmo curso. Tem vários artigos publicados em revistas especializadas no Brasil e na França. Publicou o livro *O problema da identificação em Freud: Recalcamento da identificação feminina primária* (Ed.

Escuta, SP, 2000) e Imitação: seu lugar na Psicanálise (Ed. Casa do Psicólogo, SP, 2011). Seus temas de maior interesse são as psicoses, o conceito psicanalítico de identificação e sua relação com a imitação precoce e a formação da identidade de gênero. Email:

Fábio Roberto Rodrigues Belo. Psicólogo, mestre em Teoria Psicanalítica e Doutor em Estudos Literários (UFMG). Atualmente é professor adjunto de psicanálise do Departamento de Psicologia da UFMG. É coautor do livro *Psicanálise e Literatura: Seis Contos da Era de Freud* (2001). Também em parceria com outros autores organizou os livros *Os Ciúmes dos Homens* (2015) e *Paternidades: interpretações a partir de Laplanche e Winnicott* (2016). Coordena o grupo de pesquisa "Psicanálise e Política" e suas últimas pesquisas têm proposto diálogos entre as obras de Jean Laplanche e Donald Winnicott, no sentido de extrair consequências clínicas e políticas dessa interlocução. Email: fablobelo76@gmail.com

Camila Peixoto Farias. Psicóloga/Psicanalista. Mestre e Doutora em Teoria Psicanalítica pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Pós-doutoranda e Professora colaboradora do Programa de Pós-graduação e do curso de Psicologia da UFSM. Tutora de Núcleo do Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Sistema Público de Saúde/UFSM. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinar em Saúde e do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Política. Membro do Grupo de Trabalho: Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea - da Associação Nacional de Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). Bolsista Capes. Email: pfcamila@hotmail.com

14. Uma proposta histórico-conceitual para pesquisa teórica em psicanálise

Prof. Dr. *Richard Theisen Simanke* (UFJF) & Profa. Dra. *Fátima Caropreso* (UFJF)

Resumo: Trata-se de delinear uma proposta metodológica para pesquisa teórica em psicanálise combinando duas abordagens: 1) a análise conceitual interna das obras; 2) a análise histórica do contexto científico e intelectual em que as obras surgiram. A primeira se baseia na transposição dos métodos da história estruturalista da filosofia e da filosofia da ciência para o campo psicanalítico; a segunda, na aplicação dos métodos da história das ideias e da história da ciência a esse mesmo campo. Procura-se com isso, primeiro, superar certas limitações da análise estrutural das obras, que já foram bastante discutidas dentro da própria história da filosofia; segundo, superar as limitações colocadas pela historiografia da

psicanálise que, apesar dos avanços das últimas décadas, ainda deixa a desejar em termos de rigor metodológico e isenção doutrinária. Por fim, apresenta-se um exemplo de uma pesquisa desse tipo para ilustrar como essa abordagem pode contribuir para lançar uma nova luz sobre o sentido, as repercussões e o desenvolvimento das teorias psicanalíticas.

Richard Theisen Simanke. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Foi professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) entre 1994 e 2012, atuando como docente e orientador de Mestrado e Doutorado dos PPGs em Filosofia e em Psicologia daquela Universidade. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professor e orientador de Mestrado e Doutorado do PPG em Psicologia da UFJF. Autor, entre outros trabalhos, de *A formação da teoria freudiana das psicoses* (Ed. 34, 1994; Edições Loyola, 2009), *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação* (Discurso Editorial, 2002) e *Entre o corpo e a consciência: ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana*(com Fátima Caropreso; EDUFSCar, 2011). Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível 1-D do CNPq. Email: richardsimanke@uol.com.br

Fátima Caropreso. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos. Mestre e Doutora em Filosofia pela mesma instituição. Realizou estágio de pós-doutoramento na Unicamp. Autora dos livros "O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud" (Edufscar e Fapesp, 2008), "Freud e a natureza do psíquico" (AnnaBlume e Fapesp, 2010), entre outros. Atualmente é professora do curso de psicologia e do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPQ. Email: fatimacaropreso@uol.com.br

15. Consequências políticas do trabalho com psicanálise em escala grupal

Prof. Dr. *Rogério Lerner* (IPUSP)

Resumo: O trabalho apresenta resultados de pesquisas influenciadas por ideias psicanalíticas realizadas em escala grupal usando estatística. Defende que esta pode ser uma forma de validação externa concernente à extensão do alcance das ideias psicanalítica para além da sua empiria originária. São apresentadas contribuições da psicanálise para saúde pública e consequências políticas deste trabalho.

Rogério Lerner. Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do IPUSP. Professor no IPUSP-PSA, desde 2005; credenciado como orientador de pós-graduação desde 2006. Pós-Doutorado pela Universidade Pierre et Marie Curie - Paris 6, em 2009. Desde 2011, quando obteve o título de Livre-Docente em Psicologia, é Professor Associado do IPUSP e Fellow do College of Research Training Programme - University College London/International Psychoanalytical Association. Líder do grupos de pesquisa do CNPq intitulados "Transtornos do espectro de autismo: detecção de sinais iniciais e intervenção" e "Formação de Profissionais para atuação intersectorial na promoção do desenvolvimento infantil, detecção de sinais iniciais de problemas e intervenção oportuna", tendo sob sua responsabilidade verbas de pesquisa oriundas de órgãos de financiamento nacionais e internacionais. É também Membro do Sub-Comitê de Pesquisa Geral da Associação Psicanalítica Internacional e do Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância (INSPER/FMCSV). É coordenador da coleção "Atualidades na investigação em Psicologia e Psicanálise", editora Blucher. Email: rogerlerner@usp.br

16. Interrogando o sexo ou interrogados pelo sexo?

Profa. Dra. *Simone Perelson* (ECO, UFRJ)

Resumo: No quadro da pesquisa psicanalítica contemporânea sobre a questão específica da diferença sexual, trata-se de sublinharmos a importância do estabelecimento de um diálogo entre a teoria psicanalítica, a antropologia – particularmente as teorias de Françoise Heritier- e os estudos queer, destacando-se aqui as formulações de Judith Butler e Beatriz Paul Preciado. Visa-se trazer à cena deste diálogo as articulações entre as noções de gênero e de sexo assim como de corpo e tecnologia. Visa-se também refletir sobre as relações entre os pensamento estruturalista e pós-estruturalista e as teorizações psicanalíticas sobre a questão da diferença sexual de modo a evidenciar os riscos de uma leitura universalizante a esse respeito e a sublinhar a importância da consideração da singularidade nesta modalidade de pesquisa.

Simone Perelson: psicanalista, professora adjunta da Escola de Comunicação (ECO) e do Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica da UFRJ. Email: simoneperelson@oi.com.br